



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA E ESTUDANTES SURDOS:
Acesso e permanência**

PÂMELA ALINE FERREIRA BARCELOS

Brasília - DF
2019

PÂMELA ALINE FERREIRA BARCELOS

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA E ESTUDANTES SURDOS:
Acesso e permanência**

Monografia apresentada à comissão examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Edeilce Aparecida Santos Buzar.

Brasília - DF

2019

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Bu Barcelos, Pâmela
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA E ESTUDANTES SURDOS: Acesso e
permanência / Pâmela Barcelos; orientador Edeilce Buzar. --
Brasília, 2019.
77 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de
Brasília, 2019.

1. Educação. 2. Surdos. 3. Ensino superior. 4. Acesso. 5.
Permanência. I. Buzar, Edeilce, orient. II. Título.

PÂMELA ALINE FERREIRA BARCELOS

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA E ESTUDANTES SURDOS:

Acesso e permanência

Monografia apresentada à comissão examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Edeilce Aparecida Santos Buzar.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Edeilce Aparecida Santos Buzar – (Orientadora - UnB/FE)

Prof. Mestre Amarildo João Espíndola (Examinador – UnB/LIP)

Prof.^a Dr.^a Sinara Pollom Zardo (Examinador - UnB/FE)

Prof.^a Esp. Marcia Francisca Diogo Rodrigues (Suplente - UnB/FE)

Dedico esse trabalho a Deus e a minha mãe, que sempre esteve ao meu lado, me ajudando a ser uma pessoa melhor, e acima de tudo a nunca desistir. E aos surdos que me ensinaram uma nova cultura, que deve ser respeitada e amada.

AGRADECIMENTOS

Meu principal agradecimento é a Deus, por ter me dado a oportunidade de ter uma vida saudável podendo realizar meu ensino superior com excelência.

À minha mãe que sempre esteve me incentivando a estudar, que mesmo com todas as dificuldades em sua vida, nunca deixou que faltasse algo que me fizesse desistir em algum momento. De certa forma eu digo que a minha formação é total mérito dela, foi ela que me colocou nessa trilha de sucesso.

A todos os professores que conheci na Faculdade de Educação, foram eles que elevaram meu conhecimento, e me instigaram a aprender sempre mais, além de me ensinar como ser um verdadeiro educador, respeitando e aceitando as particularidades de cada um.

Aos estudantes surdos da Universidade de Brasília, pela disponibilidade de estar presente nos momentos de entrevistas, tirando minhas dúvidas e expondo suas opiniões. Não há dúvidas que sem eles esse trabalho não seria realizado.

À orientadora Prof.^a Dra. Edeilce Buzar, que vem me ajudando, ensinando, auxiliando há dois anos dentro da Faculdade de Educação. Aos ensinamentos que eu pude ter através dela, e principalmente a sua formação humanitária, que compreende que todos nós precisamos de algo além de um orientador, e sim uma amizade entre professor/aluno.

A banca examinadora por ter aceitado a participar desse trabalho e pela disponibilidade.

E por fim, a todos que de alguma forma contribuíram para essa formação e para a realização dessa pesquisa.

“Quando eu aceito a língua de outra pessoa, eu aceito a pessoa. Quando eu rejeito a língua, eu rejeitei a pessoa porque a língua é parte de nós mesmos. Quando eu aceito a língua de sinais, eu aceito o surdo, e é importante ter sempre em mente que o surdo tem o direito de ser surdo. Nós não devemos muda-los, devemos ensiná-los, ajuda-los, mas temos que permitir-lhes ser surdo.”

(Terje Basilier)

RESUMO

Esta pesquisa investigou como se dá o acesso e a permanência do estudante surdo dentro da universidade, em especial a Universidade de Brasília. Tendo em vista toda a trajetória da educação de surdos no ensino superior, buscou-se compreender de que forma a atual educação está sendo construída garantindo uma educação de qualidade para esses alunos, relacionando o apoio pedagógico que a universidade oferece para esses estudantes, se está se dando de forma satisfatória, ou não. Com o intuito de fundamentar esta pesquisa foram utilizados pensadores e pesquisadores que teorizam sobre a história da educação de surdos de um modo mais amplo; além de decretos e leis que tratam da educação dos surdos de maneira geral e no ensino superior. A pesquisa foi realizada a partir da metodologia qualitativa na qual foram realizadas entrevistas com seis estudantes surdos que estão matriculados na Universidade de Brasília (UnB), a fim de entender o real contexto destes alunos no que se refere ao acesso e a permanência. Tendo como referências essas abordagens, procuramos compreender as relações que existem entre a teoria e os aspectos relacionados ao acesso e a permanência destes estudantes na UnB. Ao fim desta pesquisa, foi possível compreender as falhas na inserção do estudante surdo dentro da universidade principalmente no que diz respeito à acessibilidade no momento do edital para o vestibular na inserção do curso LSB- PSL (Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira – Português como Segunda Língua), e as demandas relacionadas à permanência destes estudantes na universidade, como por exemplo, relacionadas ao acesso à informações pertinentes ao mundo acadêmico, apoio pedagógico complementar, acessibilidade nos demais cursos da UnB.

Palavras-chave: Educação; Surdos; Ensino superior; Acesso; Permanência.

ABSTRACT

This research investigated the access and permanence of the deaf student at the university, especially the University of Brasilia. Given the entire trajectory of deaf education in higher education, we sought to understand how the current education is being built ensuring a quality education for these students, relating the pedagogical support that the university offerses to the students, if it is satisfactorily or not. In order to support this research we used thinkers and researchers who theorize about the history os deaf education in a broader way; in addition to decrees and laws dealing with deaf education in general and in higher education. The research was conductef from the qualitative methodology in which interviews were conducted with six deaf students who are enrolled at the University of Brasilia (UnB), in order to understand the real context of these students regarding acess and permanence. Taking these approaches as referencer, we seek to understant the relationships that exist between theory and aspects related to access and permanence of these students at UnB. At the end of this research, it was possible to understand the failures in the isertion of the deaf student within the university, especially with regard to accessibility at the time of the announcement for the buccal insetion of the course Degree in Brazilian Sign Language – Portuguese as a Second Language (PSB – PSL), and the demands relatd to the permanence of these students at the university, such as, related to the access to pertinente information, to the academic world, complementary pedagogical support, accessibility in other UnB courses.

Keywords: Education; Deaf; Higher Education; Access; Permanence

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEF - Centro de Ensino Fundamental

CEM - Centro de Ensino Médio

DF - Distrito Federal

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

FE – Faculdade de Educação

IL – Instituto de Letras

INES - O Instituto Nacional de Educação dos Surdos

LABES - Laboratório de Educação de Surdos e Libras

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

Libras - Língua Brasileira de Sinais

LIP - Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

LP - Língua Portuguesa

LSB – Língua de Sinais Brasileira

LSB – PSL – Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira – Português como Segunda Língua

MEC - Ministério da Educação

MPDFT - Ministério Público do Distrito Federal e Territórios

PAS - Programa de Avaliação Seriada

PPNE - Programa de Apoio às Pessoas com Necessidades Especiais

RJ - Rio de Janeiro

UnB - Universidade de Brasília

SUMÁRIO

MEMORIAL ACADEMICO	14
INTRODUÇÃO	17
1. BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS.....	19
1.1 A Educação de Surdos no Brasil.....	24
2. O PROCESSO DE INCLUSÃO DE SUJEITOS SURDOS NO ENSINO SUPERIOR	
.....	29
2.1. Primeiras aproximações do Ensino Superior para surdos	36
3. METODOLOGIA DE PESQUISA.....	38
3.1 Pesquisa Qualitativa em Educação.....	38
3.2 Campo de Pesquisa	39
3.3 Sujeitos da Pesquisa	41
3.4 Problema de Pesquisa	43
3.5 Instrumento de pesquisa	43
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	68
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	73
APÊNDICES	
APÊNDICE A- Roteiro para a entrevista com os(as) alunos(as)	75

PARTE I

MEMORIAL ACADÊMICO

Iniciar essa parte é como uma jornada interna, lembrar de todos os momentos acadêmicos da minha vida, sejam eles bons ou ruins, literalmente rememorar de onde eu vim, e quem eu sou, e ser eternamente grata por perceber para onde estou caminhando.

Sou filha de Ana Cléa, 53 anos, maranhense, empregada doméstica, atualmente cursando 6º semestre do curso de Pedagogia e José Lino, 55 anos, mineiro, motorista, estudou somente até o ensino fundamental II. Nasci em uma cidade pequena, Valparaíso de Goiás, e morei os 22 anos da minha vida em Novo Gama de Goiás.

Apesar de todas as dificuldades financeiras sempre tive a presença ativa da minha mãe motivando meus estudos. Fui alfabetizada aos 4 anos pela mesma. Lembro-me até hoje todas as vezes em que a minha mãe pedia pra eu me dedicar aos estudos, que ela sabia que eu me tornaria uma pessoa que saberia aproveitar as oportunidades de forma positiva. Sempre estudei em escola pública, onde me deparei com professores maravilhosos, que auxiliaram a me tornar quem sou hoje.

Tenho poucas lembranças da minha educação infantil. Lembro apenas das apresentações que tinha na escola que estudei e da professora Kátia que me acompanhou por vários anos na escola Turma da Mônica. Eu sempre dizia para a minha mãe que quando crescesse queria ser igual àquela professora, que além de inteligente, era linda e educada.

Na minha 4ª série, atual 5º ano, fui estudar em outra cidade: Gama – DF, que ficava a mais ou menos 20 km de distância de casa. Apenas com 9 anos de idade pegava ônibus todos os dias para ir e voltar porque minha mãe acreditava que o ensino do Distrito Federal era melhor do que do Goiás, onde morávamos, e de certo era. Estudei todo meu Ensino Fundamental no CEF 04, e logo após fui para o CEM 03 cursar o Ensino Médio, que também ficava no Gama.

Tenho lembranças incríveis do meu Ensino Médio. Todos os professores que me acolheram como uma filha para me auxiliar, me ensinar, me fazer ver o mundo de outra forma. Sou eternamente grata ao professor Pedro Xavier, de Matemática, que mostrou que, mesmo na disciplina que eu mais rejeitava, eu podia aprender de outras formas, e que também me fez criar o amor pela leitura. Cheguei no Ensino Médio e nunca tinha lido um livro completo na minha vida, acredito que nem pela metade. Esse professor no início do ano apresentou diversos livros de autores clássicos brasileiros para a turma e pedia que cada pessoa escolhesse 4 livros, esses 4 livros deveriam ser lido durante o ano letivo e a cada bimestre a gente fazia uma prova oral dele. A partir dessa vivência pude reconhecer o prazer de ler, de me dedicar a algo que realmente fez diferença na minha vida.

Outro professor que tenho um grande carinho e boas lembranças, foi meu professor de física do primeiro ano, Rendisley Aristóteles. Até hoje não consigo acreditar que conheci alguém tão apaixonado e focado na sua profissão como esse professor. Ele amava ensinar, e de fato, os alunos amavam aprender com ele. Ele mostrou e ensinou que estudar é algo divertido, algo que você deve amar, e me fez amar a Física naquele ano.

No segundo ano do Ensino Médio tive a oportunidade de ser menor aprendiz em uma empresa em Taguatinga – DF. Foi uma grande experiência, e me imaginei todos os dias fazendo faculdade de Administração, apesar de sempre sonhar em fazer Direito. Trabalhei dois anos nessa empresa, quando estava no terceiro ano do Ensino Médio passei em um processo seletivo para trabalhar no MPDFT (Ministério Público do Distrito Federal e Territórios), faltando apenas 5 meses para concluir meu Ensino Médio, sabia que aquela oportunidade ia ser de grande ajuda na questão financeira dentro de casa, mas também não podia deixar o outro emprego, no qual minha ex chefe queria que eu me emancipasse para assumir um cargo na parte administrativa da empresa, isso me deixava bastante feliz. Dessa forma, aceitei o emprego no MPDFT que era no turno da tarde e trabalhava na outra empresa no turno da manhã e finalmente fiz minha mãe aceitar a me matricular no turno da noite na escola. Lembro que foi uma fase bem difícil, pois saía cedo de casa, ia de um serviço para outro, e ainda tinha que ficar mais de 1hr no trânsito para ir à escola, foi quando pensei em desistir, mas a minha mãe sempre me motivou, falava que se fosse pra desistir de algo seria de trabalhar, que eu tinha que me manter focada nos meus estudos. E finalmente consegui, me formei no Ensino Médio.

Lembro-me que em todas as etapas do PAS (Programa de Avaliação Seriada), que ocorria nos finais de semanas, eu sempre estava muito cansada e falava para minha mãe que não queria ir, que sabia que não ia passar e que preferia ficar em casa descansando, e ela sempre insistia para eu ir, pedia para não jogar essa oportunidade fora, e eu fui todas as vezes. Na hora de escolher meu curso, não sabia exatamente o que queria, sabia que queria Direito, mas sabia que eu teria que trabalhar, continuar na tal empresa que eu trabalhava, pois já estava começando a dar entrada nos documentos para contratação. E lá se foi outra batalha interna: o que vou ser da vida? Foi nesse momento que minha mãe pediu para escolher a Pedagogia, que era o sonho dela, hoje sendo realizado. Escolhi Pedagogia!

Depois de alguns meses tinha colocado na minha cabeça que ia ficar seis meses sem estudar, até porque não tinha condições de pagar uma faculdade, foi exatamente quando minha mãe me ligou chorando dizendo que eu tinha passado na UnB. Naquele momento senti uma felicidade inexplicável, ao mesmo tempo em que fiquei imaginando como faria para estudar lá. O curso era diurno, ou seja, não poderia trabalhar. Morava no Goiás, teria que pagar passagem

todos os dias, já que o passe livre estudantil não atendia onde eu morava, mas com toda a coragem, larguei tudo e comecei o curso, com minha mãe e meu pai fazendo de tudo para me auxiliar, e não me deixar desistir.

No terceiro semestre do curso de Pedagogia, pensava exatamente o que estava fazendo naquele lugar, não me via trabalhando na área, odiava o fato de que um dia seria professora, até que então tranquei o curso. Fiquei um semestre afastada, mas percebi que de alguma forma eu deveria terminar o que comecei, que eu não poderia desistir daquele jeito, que mesmo não sendo meu sonho, era o sonho da minha mãe e eu não iria decepcioná-la.

Quando voltei para o curso de Pedagogia tive a sorte de encontrar a professora Edeilce Buzar, minha atual orientadora. Naquele momento percebi o real sentido de estar naquele lugar. Fiz a matéria Escolarização de Surdos - Libras e me apaixonei pelo tema. Vi que eu poderia fazer algo que realmente gostava, que queria aquilo na minha vida. Fui monitora da matéria logo após, e desde então não me imagino fazendo outra coisa.

Realizei todos meus estágios em escolas inclusivas, e infelizmente não foram boas experiências. Mas pude perceber que eu poderia fazer a diferença, que iria estudar para quando estiver dentro da sala de aula eu possa contribuir com a mudança na vida daquelas crianças surdas, que eles merecem um reconhecimento e respeito na educação.

Pude acompanhar a Faculdade de Educação finalmente reconhecendo essa cultura surda, quando a professora Edeilce Buzar abriu o Labes-Libras. Foram anos de luta. Mas hoje percebo que é uma cultura maravilhosa, que merece reconhecimento, merece espaço na sociedade, e que mesmo com tantas dificuldades, essas pessoas surdas persistem e a cada dia vejo o crescimento dessa cultura. Acredito que o que eu puder fazer para estar ao lado deles, eu irei fazer, pois foram eles que me fizeram entender o porquê eu estava me formando naquela faculdade, ou melhor, o que eu queria da minha vida.

Assim como a faculdade se mostra como um divisor de águas em minha vida, me proporcionando aprendizados diários tanto na vida acadêmica quanto na profissional, me instiga o valor da faculdade para as pessoas surdas, que mesmo com tantas dificuldades que a sociedade lhe impõe, conseguem chegar onde deseja por meio dos estudos. É necessário entender: como os mesmos tiveram acesso. Em quais cursos estão e quem são? A UnB oferece algum programa que garante a permanência deles dentro da universidade?

PARTE II

INTRODUÇÃO

O acesso ao ensino superior de fato é de grande importância para qualquer meio social, trazendo mudanças e buscando conhecimentos fundamentado na escolha de um curso, podendo proporcionar uma maior satisfação em uma carreira profissional. Dessa forma, o nível superior traz uma realização pessoal e profissional.

Em relação ao ensino superior para a população surda, podemos perceber uma maior importância, pois é fundamental que os sujeitos surdos tenham a oportunidade de receber uma educação de qualidade garantindo uma carreira profissional de qualidade. Mas, acima de tudo, adentrar uma universidade para grupos minoritários retrata uma história de vitória no que diz respeito ao reconhecimento e valorização de sua singularidade.

No caso dos sujeitos surdos, foram anos de lutas para que tivessem sua língua reconhecida, sua subjetividade valorizada. O acesso ao ensino superior para estudantes surdos se mostra ainda mais importante por todos seus direitos que foram tirados durante tantos anos. Quando falamos de educação de surdos, de um modo geral nos deparamos com uma série de problemas linguísticos desde a educação infantil até o ensino médio e ainda mais no ensino superior, no qual a questão da acessibilidade encontra vários obstáculos.

É necessário que os sujeitos surdos tenham a oportunidade de se encontrar nesse nível de ensino, para assim encontrar novas oportunidades em sua vida, fazer a diferença em sua história pessoal, acadêmica e profissional.

Esta pesquisa se mostrou de grande importância na minha vida porque, de certa forma ainda existem diversas sociedades que se encontram em vulnerabilidade educacional. Considerando o histórico de opressões, tentativas de silenciamento, este trabalho tem o intuito de compreender como os estudantes dentro da universidade se encontram diante dessa nova oportunidade em sua vida. Além disso, este trabalho se tornou necessário para “escutar” os estudantes surdos dentro da universidade.

Este trabalho aborda o seguinte questionamento: Tendo em vista que a educação básica dos surdos apresenta diversos problemas de ordem linguística, comunicacional, aprendizagem e relações sociais, na qual eles não recebem uma preparação adequada para adentrar ao Ensino Superior, de modo que suas singularidades sejam reconhecidas e valorizadas. Como que está sendo a inserção do estudante surdo na Universidade de Brasília (UnB), assim como, tem sido sua permanência durante o seu processo estudantil no ensino superior?

Dentro desse contexto, esta pesquisa tem o intuito de conhecer e reconhecer o estudante surdo, considerando toda a sua trajetória até o presente momento que ele se encontra dentro da

UnB, além de compreender de que forma a Universidade vem contribuindo para sua formação acadêmica e pessoal, considerando seu acesso e permanência dentro da Universidade.

Saber quem são esses estudantes, de onde vem, se suas necessidades estão sendo atendidas de forma desejada, e de que forma a universidade contribui para a sua formação cultural e acadêmica. Em suma, construir um levantamento a respeito dos estudantes surdos na Universidade de Brasília (UnB), por meio de um mapeamento no campus Darcy Ribeiro.

O presente trabalho é composto por três partes, que encontra-se dividida da seguinte forma: memorial acadêmico, no qual retrata a jornada escolar do pesquisador, com o intuito de relacionar a sua história com sua pesquisa.

A segunda é composta por quatro capítulos. O primeiro capítulo, intitulado “Breve História da Educação de Surdos”, retrata as principais marcas que a história da educação de surdos tem se deparado ao longo das décadas, compreendendo quais foram as etapas que essa educação percorreu no mundo e no Brasil.

O segundo capítulo, “O Processo de Inclusão de Sujeitos Surdos no Ensino Superior”, retrata de forma teórica sobre como que está se dando a educação superior para sujeitos surdos, de que forma o Estado vem garantindo a sua educação.

No terceiro capítulo, é apresentado o caminho metodológico que foi adotado para a realização desta pesquisa. Além da descrição do campo de pesquisa, sujeito de pesquisa e descrição dos participantes envolvidos.

O quarto capítulo compõe os “Resultados e Discussões”, onde se encontra os resultados obtidos ao longo das entrevistas. Dessa forma, todas as análises desenvolvidas neste capítulo foram realizadas à luz do aporte teórico.

Por fim, na terceira parte desse trabalho, se encontram as perspectivas profissionais, isto é, o que desejo para o meu futuro, após a formação no curso de Pedagogia.

1. BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

O presente capítulo irá discorrer sobre os fatos que mais se destacaram na educação de surdos no mundo. Ao decorrer dos anos, a educação de surdos se encontra em constante transformação, sendo necessário compreender quais foram as etapas que essa educação percorreu para chegar na sua atual forma. É importante destacar, no entanto que não se encontra grandes relatos da educação de surdos na Idade Antiga.

Desde os primeiros relatos históricos é notável que os sujeitos surdos eram vistos como uma anomalia, sendo rejeitados na sociedade em que viviam. Negava-lhes o direito de viver harmoniosamente em grupos com outras pessoas. Segundo Novaes (2010, p. 42) a eutanásia e a eugenia existiam com o intuito de eliminar todas as pessoas com deficiência da sociedade, tirando seus direitos e sua vida.

Do mesmo jeito, os surdos eram rejeitados de todas as formas, considerados incapazes de aprender e desenvolver faculdades intelectuais, eram oferecidos a sacrifícios e até mesmo eram retiradas as suas vidas. Porém, há relatos de que nem todas as civilizações agiam assim: “Algumas culturas simplesmente eliminavam as pessoas com deficiência, outras adotaram práticas de interná-las em grandes instituições de caridade, junto com doentes e idosos” (SASSAKI, 2006, p. 30). Assim podemos notar que ao mesmo tempo que as pessoas com necessidades especiais eram eliminadas, elas eram recolhidas em abrigos sendo considerados como doentes.

Segundo Nascimento (2006), Berthier um professor surdo da França relata que na Idade Antiga os surdos sofreram com grandes preconceitos, onde as deficiências eram consideradas como anormalidades.

Inicia a história na antiguidade, relatando as conhecidas atrocidades realizadas contra os surdos pelos espartanos, que condenavam a criança a sofrer a mesma morte reservada ao retardado ou ao deformado: A infortunada criança era prontamente asfixiada ou tinha sua garganta cortada ou era lançada de um precipício para dentro das ondas. Era uma traição poupar uma criatura de quem a nação nada poderia esperar (BERTHIER, 1984, p.165).

A Idade Antiga não foi um período de vitória para as pessoas que possuíam algum tipo de deficiência, pois além da falta de oportunidade de viver em harmonia, eram retirados o direito da sua própria vida. Eram considerados como seres incapazes de aprender, ter uma vida normal e saudável, logo incapazes de viver.

Mesmo durante quase toda a Idade Média as pessoas acreditavam que os surdos eram incapazes de aprender. Os textos encontrados que trata sobre os surdos na época, refere-se a relatos sobre curas milagrosas. (Moores, 1978)

Ainda assim não existia uma educação voltada para o sujeito surdo, os surdos eram vistos como sujeitos estranhos e inexplicáveis. Até mesmo dentro da igreja os surdos não podiam exercer seus direitos, pois eram proibidos de receber a comunhão, visto como pecadores já que não podiam falar para confessar seus pecados.

Ainda na Idade Média existia o monasticismo, que eram praticas cristãs, onde os surdos deveriam ser devotos a tal, assim surgindo grandes ordens monásticas. Nos mosteiros eram praticados além dos votos de castidade e obediência, eles também possuíam o voto do silêncio.

O silêncio no período monástico, segundo regras estabelecidas por São Basílio Magno (Igreja oriental) no século IV d.C., era determinado para os noviços com o objetivo de levá-los a desvestirem-se dos costumes anteriores, purificando-se no silêncio para aprender uma nova maneira de viver. Entendia-se que o contato com o mundano contaminava a alma, e o silêncio tinha a função de apagar as lembranças da vida pregressa, como se vê no texto da regra. (REILY, 2007, p. 312).

Para tal voto do silêncio dar certo, ao decorrer do tempo foram introduzidos sistemas gestuais para se comunicarem sobre afazeres diários, a fim de purificar suas almas, hoje não se encontra grandes relatos de como esse sistema gestual funcionava.

O médico italiano Girolamo Cardano (1501-1576) desenvolveu uma ação positiva, confirmou publicamente que o surdo possuía a habilidade de raciocinar, que é considerada o marco inicial rumo à educação de surdos. Sugeriu que os surdos poderiam se comunicar de outras formas, sem usar o canal oral sua fala iria ser conquistada de outra forma. Assim como é constatado em sua fala (apud. Sacks).

É possível dar a um surdo – mudo condições de ouvir pela leitura e de falar pela escrita [...], pois assim como diferentes sons são usados convencionalmente para significar coisas diferentes, também podem ter essa função às diversas figuras de objetos e palavras. [...] Caracteres escritos e ideias podem ser conectados sem a intervenção de sons verdadeiros. (Cardano apud Sacks 2005, p. 29)

Apenas no início do século XVI que se começa a ter uma percepção que os surdos poderiam aprender de forma pedagógica, e não mais por meio de curas milagrosas. A partir dessa época as práticas em prol de uma oralização foi sendo aplicada, os surdos eram ensinados a fim de se comunicar com a comunidade ouvinte, realizar confissões, aceitar seus testamentos, etc.

Cardano (2005) mostra a possibilidade da educação de surdos por meio da escrita da língua, mesmo sem o conhecimento da língua de sinais percebeu que através do visual a

aprendizagem dos surdos se tornava mais significativa, havia uma construção do conhecimento.

A educação dos surdos na época, estava voltada basicamente para a leitura escrita, leitura labial e articulações das palavras. Porém, essa educação atendia poucos, pois somente os surdos que nasciam em famílias nobres tinha a oportunidade de estudar. Dessa forma, podemos imaginar a quantidade de surdos que foram excluídos de qualquer educação formal, privando-os de viver em comunidade com outros surdos.

Segundo Nascimento (2006), erramos constantemente ao considerar Pedro Ponce de León (1520 - 1584) o primeiro educador da comunidade surda, pois existem casos isolados de uma educação não formal antes dele.

Hoje é amplamente reconhecido que toda a contribuição de Ponce foi meramente colocar os princípios da educação para surdos em um patamar mais amplo do que seus predecessores fizeram. Antes de Ponce, muitas tentativas isoladas de instrução tinham sido feitas, com nível de sucesso variável, tanto na França quanto no exterior. Em 1578, Joachim Pascha treinou dois de seus próprios filhos surdos, mas suas tentativas não obtiveram reconhecimento público. Jérôme Cardan, uma das pessoas mais inteligentes de seu tempo, e quem talvez tenha mais profundamente revigorado a escola filosófica de seu século, buscou demonstrar que a educação do surdo não era uma impossibilidade; ele não parou aí e manteve um relatório escrito sobre alguns importantes pontos sobre este especial tipo de ensino (BERTHIER, 1984, p.169).

Nesse sentido, John Wallis (1616 - 1703), professor da Oxford, foi considerado o primeiro professor a se dedicar à educação de surdos, porém Wallis é criticado por considerar a língua de sinais como apenas letras do alfabeto e movimentos das mãos. (NASCIMENTO, 2006).

Como dito anteriormente, o foco na época eram práticas em prol da oralização, todos os professores ingleses - John Bulwer, William Holder, Digby e Gregory - acreditavam que a forma mais eficaz de ensinar a pessoa surda era através da fala. Dessa forma, a orientação era que os surdos deviam ser inseridos na comunidade ouvinte para viver em harmonia com eles, mesmo que essa língua não ocorresse de forma natural.

Por outro lado, Abade Charles M. De L'Épée foi o primeiro a ter uma percepção que os surdos se comunicavam de uma forma visuo-gestual, então começou a estudar o que hoje conhecemos por língua de sinais, tendo a certeza que essa comunicação ocorre de forma mais satisfatória e natural. Partindo desse entendimento, começou a desenvolver um método educacional que facilitava a aprendizagem do surdo, sendo denominado de Sinais Metódicos.

Encontra-se na literatura que Charles-Michel de l'Épée teve grande importância na vida dos surdos, inclusive para além da educação. Para Berthier ele foi considerado o educador que tirou os surdos de uma grande solidão, como podemos observar.

Até então, como eu já havia explicado, todos os educadores de surdos interpretavam o princípio que “nossa mente não contém nada que não chegou lá através dos sentidos” como se seu único trabalho fosse dar a estes desafortunados o uso mecânico da fala. Ao contrário, l'Epée foi o primeiro a vislumbrar na linguagem mímica ainda imperfeita deles, meios mais seguros e simples de comunicação e uma mais direta e clara tradução de pensamento. E ele fez com que seus tesouros escondidos florescessem – verdade, flexibilidade, a riqueza de um idioma que pertence a todas as nações, de fato, a toda a humanidade, um idioma que admiravelmente resolve o problema de uma linguagem universal a qual os acadêmicos em toda parte têm buscado por séculos em vão. A partir do simples argumento que os surdos podem ser instruídos com o auxílio de gestos da maneira como instruímos outras pessoas usando os sons da voz, e que ambos os grupos podem aprender linguagem escrita, o incansável l'Epée criou um novo mundo, toda uma geração (BERTHIER, 1984, p.179).

Em 1775 fundou a primeira escola que trabalhava com os Sinais Metódicos, mudando toda a tradição da educação de surdos, fazendo com que os surdos trabalhassem em grupo, favorecendo uma socialização e comunicação maior entre eles. Esta escola para surdos em Paris:

[...] tinha como eixo orientador à formação profissional, cujo resultado era traduzido na formação de professores surdos para as comunidades surdas e a formação de profissionais em escultura, pintura, teatro e artes de ofício, como litografia, jardinagem, marcenaria e artes gráficas (SILVA et al, 2006, p. 24).

Para Sacks, l'Epée criou a partir da:

[...] linguagem de ação, uma arte metódica, simples e fácil, pela qual transmitia a seus pupilos ideias de todos os tipos e até mesmo, ousou dizer, ideias mais precisas do que as geralmente adquiridas através da audição. Enquanto a criança ouvinte está reduzida a julgar o significado de palavras ouvidas, e isto acontece com frequência, elas aprendem apenas o significado aproximado; e ficam satisfeitas com essa aproximação por toda a vida. É diferente com os surdos ensinados por l'Epée. Ele só tem um meio de transmitir ideias sensoriais: é analisar e fazer o pupilo analisar com ele. Assim, ele os conduz de ideias sensoriais a abstratas; podemos avaliar como a linguagem de ação de l'Epée é vantajosa sobre os sons da fala de nossas governantas e tutores. (SACKS 1990, p.37)

Sendo assim, essa escola desenvolveu grande trabalho e conquistas, essa oportunidade fez com que os surdos ocupassem o seu lugar na sociedade, pois a partir desses estudos os próprios alunos foram se tornando professores, sempre desenvolvendo o conhecimento de forma eficaz, dominando a língua e a escrita satisfatoriamente. Mesmo assim, ainda havia nesse contexto discussões sobre qual método seria mais eficaz na educação de surdos.

Em 1878, foi realizado na cidade de Paris o *I Congresso Internacional sobre a Instrução de Surdos*, no qual foi discutido qual seria a forma mais eficaz de educar os surdos. Foi neste congresso que os surdos tiveram a conquista da sua assinatura em documentos,

tirando a marginalização que os perseguiam por décadas. Porém, dominou o discurso que a língua oral era mais eficaz para a pessoa surda do que a comunicação por sinais.

Logo após esse acontecimento, veio o II Congresso Internacional em 1880, na cidade de Milão, onde a cultura surda sofre grandes perdas. Nesse congresso se constatou um maior número de ouvintes para definir assuntos que diz a respeito da educação de surdos.

De acordo com Strobel (2009),

Haviam 164 delegados no evento, sendo uma boa maioria de franceses e italianos a favor do oralismo, votou pela proibição da língua de sinais nas escolas da época. Apenas Estados Unidos e Inglaterra eram a favor do uso da língua de sinais. Os próprios educadores surdos foram proibidos de votar. Com a influência de Grahn Bell pelas criações de aparelhos auditivos, admirados e cridos como uma solução para a “cura” da surdez, o Congresso finalizou com a aprovação do método oral, único e exclusivo para a educação de surdos. (Strobel, 2009, p.33)

Nesse congresso, o Método Oral foi considerado o mais adequado na educação dos surdos, ou seja, os surdos tinham que se adaptar aos ouvintes, a visão oralista defendeu a tese de que só através da fala o indivíduo surdo poderia ter seu pleno desenvolvimento e uma perfeita integração social. Strobel (2008), afirma que nesse período ocorreu um isolamento cultural e os surdos foram impedidos de praticar e vivenciar sua cultura.

Segundo Skliar, as conclusões do Congresso de Milão dividiram a história da educação dos surdos em dois períodos:

Um período prévio, que vai desde meados do século XVIII até a primeira metade do século XIX, quando eram comuns as experiências educativas por intermédio da Língua de Sinais, e outro posterior, que vai de 1880, até nossos dias, de predomínio absoluto de uma única 'equação', segundo a qual a educação dos surdos se reduz à língua oral. (SKLIAR, 1997, p.109)

Sendo assim, proibiu-se oficialmente a língua de sinais e os surdos foram submetidos a perda de sua cultura e língua, o pressuposto utilizado para a defesa do oralismo foi que a língua de sinais destruiria a aquisição do sujeito surdo e poderia atrapalhar seu desenvolvimento (PERLIN e STROBEL, 2006).

De acordo com Perlin e Strobel (2006), os professores surdos foram perdendo seus empregos, sendo substituídos por professores oralistas. A educação dos surdos se tornou bastante defasada, com suas habilidades sociais limitadas.

Diante desses acontecimentos, na década de 60 se iniciou estudos sobre a Língua de Sinais (Stokoe, 1960). Stokoe desenvolve análises no nível fonológico e morfológico, assim comprovando que a LS tinha valor linguístico, cumpria as mesmas funções que a línguas orais, realizando expressões em qualquer nível.

A educação oralista percorreu quase um século na vida dos surdos, até que em 1971, na cidade de Paris, houve o Congresso Mundial dos Surdos, no qual foram discutidas todas as propostas de educação para os surdos, sejam na língua oral, sinais, gestos, escrita, etc., então a língua de sinais/gestuais volta aos parâmetros curriculares da educação de surdos com o pressuposto de que essa proposta torna a comunicação da comunidade surda mais eficaz.

As práticas educacionais sobre o sujeito surdo desde do início tem como marco a discussão entre oralismo e língua de sinais, existindo dois pensamentos linguístico: o oralismo que tenta inserir os sujeitos surdos na comunidade ouvinte; e a língua de sinais que é própria e natural da comunidade surda, podendo ocorrer a educação de forma mais significativa.

1.1 A Educação de Surdos no Brasil

No Brasil a vida dos surdos não foi muito diferente do restante do mundo. A comunidade surda era totalmente rejeitada, sendo considerados como incapazes de se comunicar e de viverem em sociedades e até mesmo sendo designados a morte, como comenta Sá (2003, p. 89) “a situação a que estão submetidos os surdos, suas comunidades e suas organizações, no Brasil e no mundo, têm muita história de opressão para contar”.

Somente com a educação que pode ocorrer uma verdadeira mudança na vida dos surdos. Enquanto na Europa ocorria toda uma discussão sobre a educação de surdos, no Brasil em 1888 é assinada Lei Áurea a respeito da liberação dos escravos, e em 1889 ocorreu a Proclamação da República. Porém com a defesa de uma educação de surdos “escravizada”, isto é, com a imposição da língua oral, os surdos tinham suas mãos atadas impedindo a comunicação entre eles por meio de sinais, forçando-os a se comunicar de modo oral. Dessa forma, nota-se dois lados na história, enquanto o país encontra-se em uma grande revolução e liberdade política e social, percebe-se uma vertente escravocrata na educação de surdos por meio da língua de sinais.

Destaca-se no início da educação de surdos no Brasil a participação de Dom Pedro II, que trouxe o primeiro educador surdo E. Huet para o Brasil. Segundo Strobel (2008, p.89), “deduz-se que o imperador D. Pedro II se interessou pela educação dos surdos devido ao seu genro, o Príncipe Luís Gastão de Orléans, (o Conde d’Eu), marido de sua segunda filha, a princesa Isabel, ser parcialmente surdo”.

A primeira escola de surdos no Brasil, na época chamado de Instituto Nacional de Surdos-Mudos, foi fundada por E. Huet em 26 de setembro de 1857, que segundo a página

eletrônica do Jornal do Surdo – História do INES mostra com clareza que o Instituto foi criado por iniciativa particular, e não pelo poder público:

O atual Instituto Nacional de Educação de Surdos foi criado em meados do século XIX por iniciativa do surdo francês E. Huet. Em junho de 1855, Huet apresenta ao Imperador D. Pedro II um relatório cujo conteúdo revela a intenção de fundar uma escola para surdos no Brasil. Nesse documento também informa sobre a sua experiência anterior como diretor de uma instituição para surdos na França: o Instituto dos Surdos-Mudos de Bourges. Era comum que surdos formados pelos Institutos especializados europeus fossem contratados a fim de ajudar a fundar estabelecimentos para a educação de seus semelhantes. Em 1815, por exemplo, o norte-americano Thomas Hopkins Gallaudet (1781-1851) realizou estudos no Instituto Nacional dos Surdos de Paris. Ao concluí-los convidou o ex-aluno dessa instituição, Laurent Clérc, surdo, que já atuava como professor, para fundar o que seria a primeira escola para surdos na América. Portanto, podemos compreender que a proposta de Huet correspondia a essa tendência. O governo imperial apoia a iniciativa de Huet e destaca o Marquês de Abrantes para acompanhar de perto o processo de criação da primeira escola para surdos no Brasil. Até o ano de 1908 era considerada a data de fundação do Instituto o dia 1º de Janeiro de 1856, a mudança deu-se através do artigo 7º do decreto nº.6.892 de 19 de março de 1908, que transferiu a data de fundação para a promulgação da Lei 939 de 26 de setembro de 1857 que em seu artigo 16, inciso 10, consta que o Império passa a subvencionar o Instituto. Antes desse decreto os alunos eram subvencionados por entidades particulares ou públicas e até mesmo pelo Imperador. (ROCHA, Site: Jornal do Surdo)

Segundo Strobel (2008) o instituto tinha poucos alunos, pois as famílias brasileiras não reconheciam E. Huet como cidadão, dessa forma desacreditaram no seu trabalho pedagógico. Mazzota (2001, p.29) explica que E. Huet “Começou a lecionar para dois alunos no então Colégio Vassimon, Huet conseguiu, em outubro de 1856, ocupar todo o prédio da escola, dando origem ao Imperial Instituto dos Surdos Mudos”.

Barcellar (1926, p. 83) cita que o instituto tinha a proposta de ensinar as seguintes disciplinas: Língua Portuguesa, Aritmética, Geografia, História do Brasil, Escrituração Mercantil, Linguagem Articulada, Doutrina Cristã e Leitura sobre os Lábios. O foco maior era formar cidadãos com uma boa moralidade, instrução literária e ensino profissional.

O ensino profissional era dividido por categorias, sendo separado por oficinas e cada aluno era designado a oficina que tinha mais aptidão.

Nas décadas iniciais do século XX, o Instituto oferecia além da instrução literária, o ensino profissionalizante. A terminalidade dos estudos estava condicionada à aprendizagem de um ofício. Os alunos frequentavam, de acordo com suas aptidões, oficinas de sapataria, alfaiataria, gráfica, marcenaria e também artes plásticas. As oficinas de bordado eram oferecidas às meninas que frequentavam a instituição em regime de externato. (ROCHA, Site: Jornal do Surdo)

De acordo com Strobel (2008) o primeiro professor da Instituição era E. Huet que permaneceu durante cinco anos no cargo, assumindo também a direção do Instituto, mas foi

retirado da instituição por motivos pessoais. Em 15 de dezembro de 1861 o cargo foi designado à Frei Monte do Carmo que permaneceu a mesma linha de pensamento sobre os surdos.

Aos quinze do dito mez de Dezembro, retirou-se Huet, deixou o INSTITUTO com 17 alumnos, sob a guarda do Frei Monte de Carmo, designado pelo Marquez para ficar á testa do estabelecimento, até que chegasse o Director contractado. (BARCELLAR, 1926, p.86)

De 1859 até 31 de dezembro de 1925, segundo dados o Instituto de Surdos-Mudos recebeu apenas 301 alunos, além de não oferecerem uma educação de qualidade, excluíram outras crianças surdas do seu direito de estudar, já que a educação naquela época era ofertada apenas para a elite. (BARCELLAR, 1926, p.97)

Segundo Mori e Sander (2015, p. 10) o Instituto utilizava a língua de sinais francesa, trazida por Huet, juntamente com a língua existente no país, originalizando assim a Libras - Língua de Sinais Brasileira, usada até os dias atuais.

Somente no período compreendido entre 1980 a 1990, que se começa a se organizar iniciativas educacionais que adotavam o uso de sinais, na época chamada de Comunicação Total. As escolas especiais foram aos poucos utilizando tal língua, os próprios estudantes surdos foram aos poucos ensinando aos professores os sinais.

Em 1959 ocorreu o *Manifesto dos Educadores Democratas em Defesa do Ensino Público*, no qual os professores reivindicavam a educação pública, pedindo mais qualidade e formação para os professores, participação ativa e vivência cultural de alunos, pais e educadores. A educação tanto nas escolas de surdos, quanto nas de ouvintes se encontrava em uma grande evolução, pois chamava a atenção de toda a população que estava na hora de acontecer melhorias.

A Constituição Federal de 1988 deu uma grande conquista na educação das pessoas com deficiências, deu a possibilidade de construção para novos caminhos e conquistas. Assim como garante nos artigos 205, 206 e 208, uma educação de qualidade, suprimindo todas as necessidades básicas do educando com deficiência.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; IV - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; VI - gestão democrática do ensino público, na forma da lei; VII - garantia de padrão de qualidade.

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: VII - atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de

programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009)

É necessário entender se determinada educação está de fato sendo dada de forma satisfatória, se os alunos surdos estão tendo profissionais capacitados para que suas necessidades especiais sejam atendidas.

Toda essa jornada histórica e conquistas foram necessárias para que hoje possa existir leis que reconhecessem a comunidade surda no Brasil. Atualmente a educação de surdos encontra-se em uma grande evolução na nossa sociedade, escolas que praticam um papel inclusivo vêm tomando esses espaços, e apesar de todas as barreiras ainda encontradas, hoje nos deparamos com jovens surdos que conseguem vencê-las e ter uma vida de sucesso, sendo encaminhados para carreiras acadêmicas.

Essa educação se tornou vitoriosa a partir da Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, essa oficialização foi resultado de toda uma história e luta da comunidade surda pelo reconhecimento da sua comunicação.

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

A resistência dos educadores em relação à língua de sinais que era discutida há séculos atrás, ainda hoje se encontra a mesma discussão sobre a educação de surdos. Mesmo com todas as propostas de inclusão ainda se encontra professores que não colaboram em prol da educação de surdo de forma eficaz. Berthier em 1984 faz recomendações aos professores e suas palavras soam como se fosse atualmente.

A experiência sugere que nós precisamos tomar o maior cuidado possível na seleção de um professor para o surdo. Conforme sugeri, as mais importantes qualificações são um perfeito conhecimento e a extensa prática da linguagem da ação. Infelizmente, deve ser dito, as pessoas às quais foram confiadas o destino do Instituto Real de Paris nem sempre compreenderam isso. A posição dos instrutores de surdos tem às vezes sido injusta e também frequentemente tem sido esquecido que, com igual justiça, eles talvez tivessem o direito a igual consideração. (BERTHIER, 1984 p.190).

O bilinguismo hoje faz parte da realidade brasileira, os surdos brasileiros conseguem construir sua vida a partir dessa filosofia, porém, mesmo depois de tantas lutas as práticas de inclusão dentro das salas de aulas não são eficazes na sua formação, os surdos ainda encontram grandes dificuldades na sala de aula e sociedade.

Sendo assim, é necessário repensar o que todos esses anos de constante mudança foi eficaz na educação dos surdos, é preciso compreender pedagogicamente as necessidades que esses alunos precisam, e trabalhar de forma que sua língua natural seja respeitada.

Os surdos ainda encontram grandes desafios na sociedade, tanto de aceitação quanto de comunicação, onde ainda é comum o aluno surdo está dentro de sala de aula sendo totalmente excluído, e até mesmo não compreendendo assuntos que o professor ouvinte não consegue ensinar por falta de formação continuada.

Toda essa luta foi necessária para que nós, como professores, repensemos sobre nossas práticas pedagógicas na educação de surdos. Sendo de extrema importância lembrar toda a história de opressão que os surdos enfrentaram, para que não possamos praticar os mesmos erros, forçando os surdos a construir uma aprendizagem forçada. construindo uma identidade inversa.

No próximo capítulo iremos falar brevemente sobre a educação de surdos no ensino superior, o que eles alunos enfrentam para chegar nessa etapa da educação, além do acesso, e o que a faculdade/universidade contribui para a permanência do seu aluno até o final do curso.

2. O PROCESSO DE INCLUSÃO DE SUJEITOS SURDOS NO ENSINO SUPERIOR

O presente capítulo tem o intuito de compreender a educação de surdos no Ensino Superior, conhecer brevemente quais cursos têm maior procura por esses alunos, como esses alunos se ingressaram no curso de graduação, quais são seus maiores desafios atualmente.

O ingresso de surdos no ensino superior é algo recente, segundo Bisol, Valentini, *et al.*, (2010) esse fato é decorrente dos seguintes fatores:

O reconhecimento, a partir de meados da década de 1990, do *status* de língua para a língua de sinais; o desenvolvimento de propostas de educação bilíngue de qualidade para surdos; e um momento histórico no qual políticas públicas de inclusão vêm aos poucos aumentando o acesso e a participação ativa de pessoas com necessidades especiais em diferentes contextos sociais.

O número de surdos que frequentam a universidade vem a partir de um crescente de grandes mudanças. Segundo dados do Ministério da Educação, em 2003, apenas 665 surdos tinham acesso à Educação Superior. No ano de 2005, o número aumentou para 2.428 alunos (Brasil, 2006). No ano de 2017, segundo o portal do MEC se encontra 2.138 alunos surdos, 5.404 alunos com deficiência auditiva e 139 alunos com surdocegueira matriculados no Ensino Superior.

Apesar da distinção entre surdos e deficientes auditivos, apontadas no Censo atualmente, o Censo da Educação Superior não fazia essa distinção até 2006, existia apenas uma categoria, que no caso era deficientes auditivos. Essa mudança ocorre a partir do Decreto 5.626/2005 no qual foi mudado a forma de se categorizar essa população. Em 2007, foi criado um subconjunto de agrupamentos:

“Surdez” [termo] para indicar estudantes que utilizavam Língua de Sinais (surdez severa/profunda) e “Deficiência Auditiva” (surdez leve/moderada) para indicar estudantes que, por ouvirem pouco, utilizavam, mesmo que precariamente, a modalidade oral da Língua Portuguesa. (MEC, 2013, p. 22).

Nesse contexto, nos censos de 2003 a 2013, é notável que grande parte da população surda e deficiente auditiva esteja matriculada em instituições particulares, como é possível perceber adiante. Em 2013, entre os 7.037 deficientes auditivos, 1.538 estavam matriculados em instituições públicas, e 5.499 em instituições privadas. E os estudantes surdos, que em 2013 era 1.488 alunos, 420 estavam matriculados em instituições públicas e 1.068 em instituições particulares (MEC, 2013).

De acordo com Silva e Danelon (2013, p. 83), torna-se evidente que: “grande porcentagem das pessoas com deficiência no Brasil encontra dificuldades em ingressar no ensino superior em instituições públicas de ensino”. Assim também como as pessoas não

deficientes, já que as vagas nessas instituições têm um valor mais agregado, e é notável que as pessoas que receberam uma preparação maior, possui uma chance maior de conseguir determinada vaga.

Também é válido ressaltar que para Sato (2011, p.25), “O concurso vestibular é um dispositivo de seleção historicamente contextualizado e que faz parte dos procedimentos de avaliação do sistema de ensino brasileiro”. Diante disso, ainda de acordo com o autor, “o tradicional dispositivo de seleção utilizado no recrutamento de ingressantes no ensino superior brasileiro une as duas significações, pois o vestibular é um concurso que se utiliza de exames para averiguar quais candidatos estão aptos a cursar o nível escolar superior” (2011, p.85). Embora, infelizmente saibamos que o ensino público da Educação Básica é considerado insuficiente para o ingresso na educação superior pública.

Nesse sentido, o aluno surdo tem o direito de receber uma educação de qualidade, onde seja atendida todas suas necessidades. A Constituição Federal de 1988 propõe, no artigo 205, que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. O inciso I do artigo 206 estabelece a “igualdade de condições de acesso e permanência na escola” (BRASIL, 1988) como uma das principais vertentes do ensino.

A partir de 1996 o MEC começou, de fato colocar em prática a inclusão voltadas para as pessoas com necessidades especiais e seu ingresso no Ensino Superior. Dessa forma, é encaminhado às Instituições de Ensino Superior o Aviso Circular nº 277/1996, com orientações que tinham o intuito de estimular a acessibilidade aos candidatos que estavam concorrendo uma vaga na universidade.

Na elaboração do edital, para que possa expressar, com clareza, os recursos que poderão ser utilizados pelo vestibulando no momento da prova, bem como os critérios de correção a serem adotados pela comissão do vestibular; no momento dos exames vestibulares, quando serão providenciadas salas especiais para cada tipo de deficiência e a forma adequada de obtenção de respostas pelo vestibulando; no momento da correção das provas, quando será necessário considerar as diferenças específicas inerentes a cada portador de deficiência, para que o domínio do conhecimento seja aferido por meio de critérios compatíveis com as características especiais desses alunos. (BRASIL, 1996, p.1).

Se encontra na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - 1996, capítulo IV, no qual se trata sobre a Educação Superior e as finalidades da mesma em relação a educação construída diante dos seus alunos:

Art. 43. A educação superior tem por finalidade:

I – estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;

II – formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;

III – incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;

IV – promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;

V – suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;

VI – estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;

VII – promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição. (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira - LDB 9.394/96)

Partindo desse ponto, quando se fala de Educação Superior no cap. VI da LDB (9.394/96) é importante salientar que essas necessidades também devem ser atendidas na Educação Especial, além de todas as adaptações necessárias, quando for necessário, para assim garantir uma educação de qualidade para os alunos que possuam deficiências, no caso do presente texto, para os alunos surdos. Ou seja, como garantir a acessibilidade linguística, comunicacional e informacional em Libras/Português escrito para os sujeitos surdos?

Encontramos ainda na LDB no cap. V, no qual trata da Educação Especial, a afirmação sobre a formação de pessoas com deficiências, a educação de qualidade, além do acesso igualitário ao ensino para as pessoas que estejam inseridas na educação especial e profissionais capacitados para desenvolver o ensino proposto.

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiências: I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades; III – professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns; V – acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular. (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira - LDB 9.394/96)

É necessário que exista além de oferta para a Educação Superior, de acordo com todas essas regulamentações que garantem uma educação de qualidade, a necessidade que professores e intérpretes capacitados estejam dentro de sala de aula acompanhando o aluno, auxiliando em sua aprendizagem.

Segundo Goffredo (2004), o primeiro passo para assegurar o ingresso dos jovens surdos na universidade é por meio do vestibular. Mas apenas isso não é uma garantia que a inclusão se concretize. Quando a barreira do ingresso é vencida, o próximo desafio é a permanência no curso, que no caso o intérprete tem grande participação nessa nova etapa.

Em relação às pessoas surdas, é recomendado a presença de um intérprete de Libras nas avaliações, além de uma flexibilização em relação às redações. Além disso, a correção das provas discursivas, devem considerar, a “relevância ao aspecto semântico da mensagem sobre o aspecto formal e/ou adoção de outros mecanismos de avaliação da sua linguagem em substituição à prova de redação” (BRASIL, 1996).

Um programa de qualidade sobre a inserção da pessoa surda na universidade resolveria grandes partes da barreira do surdo no ensino, a permanência do surdo deve ser assegurada através de professores e intérpretes que favoreçam sua aprendizagem. Segundo Martins, “é o intérprete que percebe a dificuldade e tenta encontrar caminhos e métodos que facilitem a aquisição do conhecimento. Assim, faz-se necessário o envolvimento deste profissional com as questões didático-pedagógicas dentro deste contexto”. (2006, p. 165)

Em 20 de dezembro de 1999, o Decreto nº 3.298, que regulamenta a Lei nº 7.853, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa com Necessidades Especiais (BRASIL, 1999). A Seção II – Do acesso à Educação, artigo 27 – institui que: “as instituições de ensino superior deverão oferecer adaptações de provas e os apoios necessários, previamente solicitados pelo aluno portador de deficiência, inclusive tempo adicional para realização das provas, conforme as características da deficiência” (BRASIL, 1999).

Em relação aos requisitos de acessibilidades, a portaria nº 3.284/2003 dispõe que, além do reconhecimento de novos cursos, é considerado “a necessidade de assegurar aos portadores de deficiência física e sensorial condições básicas de acesso ao Ensino Superior, de mobilidade e de utilização de equipamentos e instalações das instituições de ensino” (BRASIL, 2003). Diante disso, em relação aos estudantes surdos e deficientes auditivos, o inciso II determina que se torne necessário:

- a) propiciar, sempre que necessário, intérprete de língua de sinais/língua portuguesa, especialmente quando da realização e revisão de provas, complementando a avaliação expressa em texto escrito ou quando este não tenha expressado o real conhecimento do aluno;
 - b) adotar flexibilidade na correção das provas escritas, valorizando o conteúdo semântico;
 - c) estimular o aprendizado da língua portuguesa, principalmente na modalidade escrita, para o uso de vocabulário pertinente às matérias do curso em que o estudante estiver matriculado;
 - d) proporcionar aos professores acesso à literatura e informações sobre a especificidade linguística do portador de deficiência auditiva.
- (BRASIL, 2003).

Nesse contexto, podemos observar que de fato existem políticas públicas que asseguram a Educação Superior ao aluno surdo, percebe-se, a partir da legislação, que um novo olhar está sendo lançado para a educação de pessoas com deficiências, a qual tem o intuito de garantir o ingresso desses alunos na universidade. Dessa forma, a legislação oferece instrumentos que viabilizam a participação das pessoas com deficiência nos processos seletivos

Dessa forma, quando se fala de educação de surdos no Ensino Superior, é de extrema importância citar o Decreto nº 5.626/2005, onde a legislação prevê diversos dispositivos que tem por objetivo possibilitar a inclusão social do sujeito surdo, inclusive no ensino superior, caracterizando a Libras como primeira língua.

A promulgação do Decreto 5.626/2005, entre várias medidas, foi instituída a acessibilidade nos processos seletivos das Instituições de Ensino Superior (BRASIL, 2005), no artigo 14:

As instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior. (BRASIL, 2005)

O referido decreto mostra de forma clara a questão visual do aluno surdo. É importante salientar a primeira língua do aluno surdo desde a Educação Básica, até o Ensino Superior.

Art. 2º. Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras (BRASIL, 2005.)

Além disso, este decreto oportuniza a criação de cursos superiores com o intuito de atender a comunidade surda. Os principais cursos que o Decreto propõe são as licenciaturas: Letras/Libras e Letras-Libras/Português.

Os quais, têm por objetivo formar professores para lecionar a Libras desde a educação infantil até a educação superior. Além de apontar a criação de cursos nos níveis de graduação e pós-graduação para formar intérpretes de Libras/Português.

Diante disso, em relação à Educação Superior foi criada pelo Decreto nº 7.611/2011, art. 5º, as determinações de criação de “núcleos de acessibilidade nas instituições federais de educação superior visam eliminar barreiras físicas, de comunicação e de informação que restringem a participação e o desenvolvimento acadêmico e social de estudantes com deficiência”.

Nesse contexto sobre as políticas que contribuíram para o acesso de pessoas com deficiências, vale ressaltar o Programa Incluir: Acessibilidade na Educação Superior, esse programa tem por objetivos:

- 1.1. Promover ações para que garantam o acesso pleno de pessoas com deficiência às IFES;
- 1.2. Apoiar propostas desenvolvidas nas IFES para superar situações de discriminação contra os estudantes com deficiência;
- 1.3. Fomentar a criação e/ou consolidação de núcleos de acessibilidade nas instituições federais de ensino superior;
- 1.4. Implementar a política de inclusão das pessoas com deficiência na educação superior;
- 1.5 Promover a eliminação de barreiras atitudinais, pedagógicas, arquitetônicas e de comunicações. (BRASIL, 2007)

Outro grande aspecto para os números de surdos nas universidades subirem, foi a criação de novos cursos que em geral a população surda se encontra em maior quantidade, tais como: o curso de Licenciatura em Letras Libras, se iniciou em 2006, na modalidade a distância; O segundo, se iniciou em 2008, também à distância, foi o curso Bacharelado em Letras-Libras. Nesse contexto, em 2008 o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES/RJ), ofertou o curso de Pedagogia Bilíngue presencial. Todos esses cursos são prioritariamente voltados às pessoas surdas.

O curso de Letras Libras se iniciou com o intuito de formar professores capacitados para o ensino de Libras. No seu Projeto Político Pedagógico, o surdo é respeitado pela sua condição bilíngue, sendo considerado “das disposições cruciais [...] a de que, durante todo o seu transcorrer, serão respeitadas características semânticas e de singularidade linguística comumente encontradas no nível formal de suas escritas” (SOBREIRA; CICONNE, 2006, p.18). O curso tem como alvo a língua brasileira de sinais, levando em conta todas as estratégias que por lei, pelo Decreto 5.626 os surdos têm. Sendo assim, “a tecnologia visual foi a principal aliada dos professores, alunos e envolvidos no desenvolvimento do curso, propiciando experiências que ultrapassaram a barreira do tempo e espaço”. (PÊGO; LOPES, 2014, p. 7).

Sob esse viés, em 2008 foi criada a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, que tem por objetivo trabalhar a inclusão dos alunos com deficiência. Em referência a Educação Superior, o acesso e permanência dos alunos deve se dar por ações que considerem:

- [...] o planejamento e a organização de recursos e serviços para a promoção da acessibilidade arquitetônica, nas comunicações, nos sistemas de informação, nos materiais didáticos e pedagógicos, que devem ser disponibilizados nos processos seletivos e no desenvolvimento de todas as atividades que envolvam o ensino, a pesquisa e a extensão. (BRASIL, 2008, p.16).

Além de tudo isso, o Plano Nacional de Educação de 2014, referente às pessoas com necessidades especiais no Ensino Superior, apresenta em sua meta 12.10 o seguinte objetivo:

“assegurar condições de acessibilidade nas instituições de educação superior, na forma da legislação” (BRASIL, 2014).

Nesse contexto, a Lei 13.146, de 6 de julho de 2015, no que se refere ao Ensino Superior para as pessoas com deficiências, apresenta vários pontos importantes, vale ressaltar o artigo 28, no qual se institui o “acesso à educação superior e à educação profissional e tecnológica em igualdade de oportunidades e condições com as demais pessoas” (BRASIL, 2015).

Sendo assim, os surdos ainda encontram grandes desafios no ingresso ao Ensino Superior, é possível notar uma deficiência na formação do brasileiro. Daroque e Padilha (2015, p. 94) afirmam que “questões em relação à má-formação de alunos em geral existem em todo o Brasil. Muitos alunos de instituições de Ensino Superior (ES) relatam que apresentam diversas dificuldades embora não sendo deficientes”. A educação superior atualmente se tornou um grande mercado que não possui a capacidade de atender todos, tão pouco resolver os problemas sobre qualidade de ensino.

Quando se refere à má-formação do brasileiro, em relação aos surdos, é necessário entender que a sua formação na Educação Básica foi carregada de oralismo. Assim como afirma, Daroque e Padilha (2015):

Os surdos que hoje estão no Ensino Superior carregam fortes marcas do Oralismo e das práticas bimodais da Comunicação Total, que perpassam sua formação na educação básica, pois na época em que estavam no Ensino Fundamental (nas décadas de 80 e 90), tiveram uma educação com instrução visando à alfabetização de ouvintes, agravando-se mais a situação de jovens e adultos surdos, considerando que, em sua infância, não se discutia a importância da Libras tampouco se atribuía importância à língua de sinais como uma língua. (DARQUE E PADILHA, 2015, p. 97)

Um outro grande promotor na inserção do aluno surdo na universidade é o processo de interpretação e tradução, mas é necessário que haja além de fluências das duas línguas do intérprete de Libras. Goularte (2014, p. 45) afirma que “as traduções para o vestibular dão ênfase às questões culturais do sujeito surdo, tornando-se necessária a utilização de alguns recursos visuais”. Os recursos necessários estão além da língua de sinais, e estão apresentados nos vídeos no momento do vestibular, com o intuito de facilitar a compreensão dos candidatos surdos. (GOULARTE, 2014)

É necessário que exista uma compreensão da educação de surdos como um todo, considerando suas necessidades, uma compreensão superficial sobre a inclusão vem tomando de conta, sendo ignoradas as verdadeiras necessidades bilíngues do aluno surdo dentro da Universidade. Além do fato, que incluir o surdo sem levar em consideração a sua língua, sua história, sua identidade, é apenas cumprir as leis, desconsiderando a singularidade desses sujeitos, dessa forma é necessário um reconhecimento.

2.1. Primeiras aproximações do Ensino Superior para surdos

Segundo consta em documentação oficial do Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, em 21 de outubro de 2004, foi realizado por este instituto um pedido ao Ministério da Educação - MEC para realização de curso superior de Pedagogia na modalidade de licenciatura.

Sendo assim, em 18 de agosto de 2005, seu primeiro vestibular ocorreu em 2006, quando o Curso Normal Superior Bilíngue do INES foi colocado em vigor. O Curso formava seus educandos para o exercício do magistério, para assim atuar nos anos iniciais do ensino fundamental.

Porém, em 15 de maio de 2006, com as novas Diretrizes Nacionais para o Curso de Pedagogia, a direção do INES propôs a possibilidade de transformar o Curso Normal Superior do INES em Curso de Pedagogia.

O projeto do curso, sendo aprovado possuiria oito eixos norteadores, sendo eles: Reconstruindo a trajetória educativa; Construindo olhares sobre o cotidiano escolar; Assumindo estudos próprios da profissão docente; Aprofundando relações ensino-aprendizagem no trabalho pedagógico; Redesenhando entendimentos no trabalho pedagógico; Redesenhando entendimentos educativos; delineando propostas metodológicas; Reconstruindo a trajetória da formação; Rediscutindo propostas educativas e metodológicas. (MEC - INES, 2006, p.8)

De fato, tinha como objetivo formar professores capacitados no âmbito bilíngue para educação infantil e séries iniciais. A Língua Brasileira de Sinais (Libras), constituía a língua de instrução do curso, e a Língua Portuguesa no currículo se posicionava como disciplina obrigatória na modalidade escrita.

O documento fala sobre o processo seletivo, no qual eram admitidos alunos surdos e ouvintes que possuíam conhecimentos e fluência em Libras, além do processo inicial até o completo término das atividades pedagógicas o curso conta com profissionais capacitados em intérpretes de Libras. (MEC - INES, 2006)

Conforme consta no Projeto do Curso:

Mantidas tais perspectivas, este Curso objetiva assegurar uma qualificada formação bilíngüe (LIBRAS/Língua Portuguesa) para pedagogos surdos e não surdos, de forma a torná-los agentes brasileiros multiplicadores também em docências da modalidade de "Curso Normal" própria do Ensino Médio; Contribuir para com (re)definições e implementações de uma qualificada política de formação de professores da Educação Infantil, dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental contemplada também a EJA, e do Ensino Médio para disciplinas de cunho pedagógico; Formar pedagogos competentes e comprometidos com posicionamentos éticos, que englobem pensamento crítico, reflexivo e criativo, por meio da construção de conhecimentos teóricos, técnicos e práticos, cujas correspondentes ações sirvam como marca de excelência e referência no país (MEC - INES, 2006, p.13)

O projeto do curso tem o olhar reflexivo e atencioso com relação às especificidades da educação e atuação da pessoa surda na trajetória do curso, o qual se percebe de forma clara na seguinte fala:

Conseqüentemente e em idêntica sintonia com a Política Nacional de Educação vigente em nosso país: - egressos surdos deverão poder optar por atuar de forma integrada com intérpretes de LIBRAS/Língua Portuguesa, em quaisquer futuras funções de cunho pedagógico que porventura assumam, ampliando-se, assim, igualmente suas oportunidades de inserção no mundo do trabalho (MEC - INES, 2006, p.15)

O projeto aprovado em dezembro de 2006 pelo MEC, apresenta uma educação que de fato mudaria o acesso e permanência dos jovens surdos no contexto educacional, se fosse aplicado em todas as instituições de ensino. Esse projeto representa a possibilidade de diferença para a comunidade surda brasileira, com o compromisso de oferecer uma educação de qualidade.

Esse projeto foi extremamente importante na Educação Superior de Surdos no Brasil, pois tornou cada vez mais visível que a comunidade surda de fato precisa de um maior reconhecimento da sua língua, onde tenha a liberdade de se comunicar com ouvintes sem que haja dificuldades nessa comunicação.

A partir desse momento o nosso olhar volta para a educação de surdos na Universidade de Brasília, compreendendo de forma clara onde se encontra esses estudantes, de qual forma a universidade contribui para seu acesso e permanência, e se de fato suas necessidades estão sendo atendida, tornando sua aprendizagem significativa, ou apenas uma educação superficial que os professores passam para os alunos.

3. METODOLOGIA DE PESQUISA

De acordo com todos os estudos realizados até o momento, o presente capítulo irá discorrer sobre a metodologia utilizada para o desempenho deste trabalho. Dessa forma, serão abordadas composições referentes à pesquisa qualitativa, além do problema e descrição dos participantes.

3.1 Pesquisa Qualitativa em Educação

A pesquisa qualitativa em educação segundo Gatti (2006), entende que o conhecimento científico é realizado em uma sociedade e sua produção está conectada as relações sociais. Dessa forma, que temos a percepção de determinados modelos investigativos. Vale ressaltar que em uma pesquisa estamos produzindo conhecimentos.

Considerando-se que esta pesquisa tem o intuito de compreender a trajetória do surdo dentro da Universidade de Brasília, para dar continuidade, partimos da pesquisa qualitativa, pois, ela dá instrumentos para uma maior aproximação entre os participantes, “e o trabalho de pesquisa sempre envolve o contato direto do pesquisador com o grupo de pessoas que será estudado” (GODOY, 1995, p. 21).

Dessa forma, a pesquisa qualitativa possibilita o seguinte aspecto:

Visando à compreensão ampla do fenômeno que está sendo estudado, considera que todos os dados da realidade são importantes e devem ser examinados. O ambiente e as pessoas nele inseridas devem ser olhadas holisticamente: não são reduzidas a variáveis, mas observados como um todo (GODOY, 1995, p. 62).

Nesse sentido, a pesquisa procura verificar as relações sociais que o sujeito surdo tem com a própria universidade. De acordo com Godoy (1995, p.21) “a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes”.

A pesquisa qualitativa tem maior característica sobre o presente trabalho, pois através da mesma que se faz uma convergência entre o que vamos estudar diante da autenticidade do campo de pesquisa. (Neto, 2001).

A pesquisa qualitativa se adequa ao trabalho feito, pois segundo Ribeiro:

O estudo qualitativo se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, obtidos no contato direto com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto, se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada (Ribeiro, 2008, p. 132).

Diante disso, Guerra (2014) caracteriza que a metodologia da pesquisa qualitativa tem o objetivo de pesquisar seres humanos, considerando sempre seus valores e vivências. Dessa

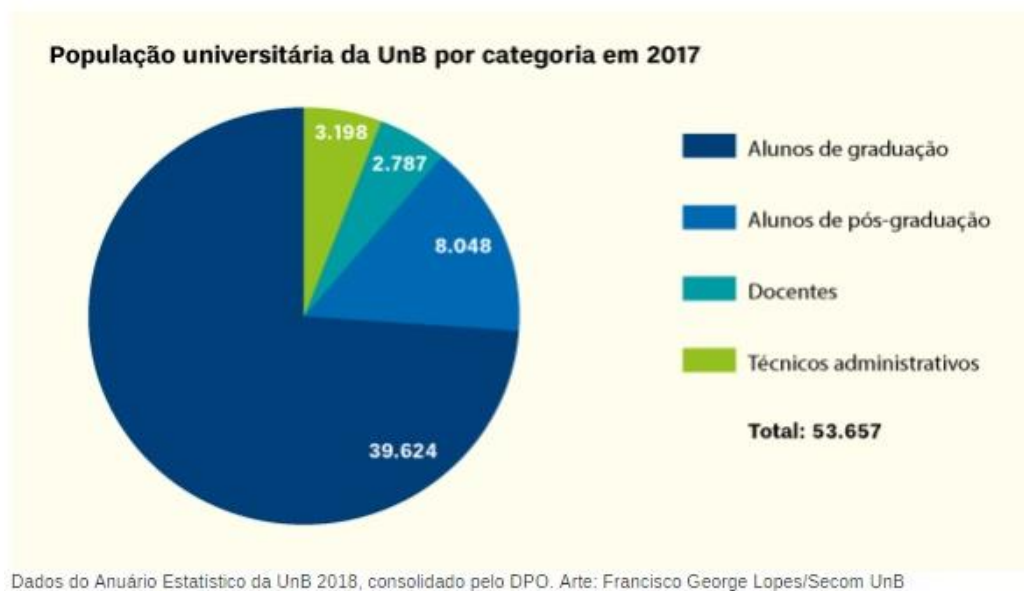
forma, é necessário considerar o ser humano criador da sua própria história e essência, não determinando ele como um ser passivo.

3.2 Campo de Pesquisa

A pesquisa apresentada busca registrar toda a vivência do sujeito surdo, a partir de seu próprio ponto de vista, considerando que ele é o ser que constrói essa pesquisa, foi registrado todo a sua percepção diante das perguntas propostas.

Assim, todas as informações presentes nessa pesquisa foram construídas através de entrevistas realizadas com estudantes surdos da UnB (Universidade de Brasília), universidade pública federal brasileira, que se encontra em Brasília – Distrito Federal. A universidade possui 4 campi, que estão situados nas seguintes cidades satélites: Planaltina, Gama, Ceilândia e Paranoá.

Segundo dados estatísticos da UnB consolidados pelo DPO, a população da universidade em 2017 se encontra em 53.657 pessoas nos quatro campi, somado por estudantes, servidores, docentes e técnico-administrativos. Dentro do quadro docente segundo dados fornecidos pelo CGU, em 2019 a universidade se encontra com 2.588 docentes ativos, além de 41 docentes substitutos ou temporários e 181 visitantes.



De acordo com o Programa de Apoio às Pessoas com Necessidades Especiais - PPNE, que é o Núcleo de Acessibilidade da UnB, conforme prevê o Decreto 7.611/2011. Em seu sistema cadastral encontram-se 62 alunos com surdez ou deficiência auditiva matriculados na UnB, que se encontram divididos da seguinte forma:

População universitária surda cadastrada no PPNE

Nível	Curso	Deficiência Auditiva	Surdez
Graduação	Arquivologia	2	-
	Biblioteconomia	1	-
	Ciências Ambientais	1	-
	Ciências Biológicas	1	-
	Ciências Contábeis	2	-
	Direito	1	-
	Engenharia Florestal	1	-
	Letras - Inglês	1	-
	Língua de Sinais Brasileira / Português como Segunda Língua	10	21
	Línguas Estrangeiras Aplicadas	1	-
	Psicologia	1	-
	Química	1	-
	Pós-Graduação	Sistemas Mecatrônicos	1
Teoria e Análise Linguística		2	7
Estudos da Tradução		2	6
Total		28	34

Dados fornecidos pelo PPNE em julho de 2019.

Diante do quadro anterior, é necessário entender o porquê a população de alunos surdos se encontra em maioria em determinado curso, sabendo que é um curso direcionado a surdez, é preciso repensar na acessibilidade que está em falta nos outros cursos. Por conta desse quantitativo, todos os seis estudantes que participaram desta pesquisa também estão matriculados no curso Língua de Sinais Brasileira / Português como Segunda Língua.

Vale ressaltar que os próprios alunos se declaram surdos ou deficientes auditivos no cadastro do PPNE, dessa forma, é necessário entender se existe um problema de identidade onde esses alunos não se declaram surdos, diminuindo o quantitativo de alunos surdos em outros cursos.

A licenciatura em Língua de Sinais Brasileira / Português como Segunda Língua na UnB foi lançada em 2015, porém desde 2006 a Libras já era ofertada como disciplina em outros cursos. De acordo com informações na secretaria do curso, o Departamento de Linguística Portuguesa e Línguas Clássicas (LIP) do Instituto de Letras (IL) possui 15 servidores que são

intérpretes, para assim garantir a acessibilidade do aluno surdo durante seu percurso dentro da universidade.

A licenciatura tem o intuito de formar professores para lecionar em diversas áreas da educação, o curso é ofertado por meio de vestibular, no qual há o sistema Universal, cotas para negros e cotas para escolas públicas, e em cada um dos sistemas há reserva de vagas para candidatos surdos.

O curso Língua de Sinais Brasileira / Português como Segunda Língua, de acordo com o site oficial da UnB é composto por limite mínimo de permanência de oito semestres (4 anos) e limite máximo de permanência de 16 semestres (8 anos).

As entrevistas foram realizadas no espaço Labes-Libras na Faculdade de Educação, que foi inaugurado em setembro de 2017, com o intuito de ser um espaço para formação e desenvolvimento de projetos no campo da educação de surdos, sendo considerado um núcleo de acessibilidade para estudantes surdos no ensino superior, auxiliando na permanência dos mesmos dentro da universidade. O espaço possui atualmente um intérprete e diversos monitores, sendo a coordenadora e fundadora do mesmo a Professora Edeilce Buzar.

3.3 Sujeitos da Pesquisa

A pesquisa contou com a participação de seis estudantes surdos da UnB. Foram realizadas entrevistas formais com esses alunos (entrevista se encontra disponível no apêndice A), nas quais os mesmos puderam responder as questões de forma objetiva, porém sempre que queriam podiam complementar com mais informações a respeito.

Todos os participantes serão descritos abaixo. Vale destacar que as informações pessoais, como os nomes, não serão descritos.

Sujeito Surdo 1: O primeiro participante aqui denominado de S1, possui mais de 31 anos, se declara negro, solteiro, não possui filhos, surdo profundo, nunca passou por algum processo de cirurgia em relação a surdez, usa Libras para se comunicar. É possível reconhecer que S1 tem sua identidade surda reconhecida, além de considerar um grande fator da comunicação o convívio das pessoas, deixando claro que é necessário que a barreira entre o surdo e ouvinte seja cada vez menor, existindo uma troca de aprendizagem, para que melhore a comunicação.

Sujeito Surdo 2: A segunda participante é do sexo feminino e será denominada aqui de S2, possui a idade entre 26 a 30 anos, se declara branca, solteira, não possui filhos, surda profunda de um lado e leve moderado de outro, nunca passou por algum processo de cirurgia em relação a surdez, usa Libras para se comunicar, inclusive considera a Libras um grande fator que ajuda

a aprender as coisas. Em seguida sua fala deixa claro as repercussões em sua educação: *“Quando eu estudava com ouvinte eu não tinha uma aprendizagem significativa, mas quando comecei a viver com surdos mudou muito, eu tive um grande desenvolvimento e compreensão melhor das coisas”*. Atualmente usa prótese auditiva de um lado, mas relata que é impossível usar a prótese 24h, pois sente incômodo, assim usa apenas em momentos que se sente à vontade. É possível reconhecer que tem sua identidade surda reconhecida E segundo a mesma, é fundamental em termos de aprendizagem a fluência do professor em Libras.

Sujeito Surdo 3: A terceira participante aqui denominada de S3, possui idade entre 22 a 25 anos, se declara branca, solteira, não possui filhos, surda profunda de um lado e moderado de outro, jamais passou por algum processo de cirurgia em relação à surdez, usa a Libras para se comunicar, e se mostra como uma pessoa que respeita a Libras e a considera fundamental em sua vida. Não usa prótese nem implante. É possível reconhecer que S3 tem sua identidade surda reconhecida. Além disso, considera fundamental em termos de aprendizagem uma boa comunicação, além da importância do professor se mostrar eficaz em ensinar de forma correta para os alunos.

Sujeito Surdo 4: O quarto participante será denominado de S4, possui mais de 31 anos, se declara preto, casado, possui filho, surdo profundo de um lado e moderado de outro, nunca passou por algum processo de cirurgia em relação a surdez, usa Libras para se comunicar. É possível reconhecer que o Sujeito S4 possui identidade surda. Considera fundamental em termos de comunicação a Libras, mas não desconsidera a Língua Portuguesa. Segundo seu relato: *“Eu gosto muito da Língua Portuguesa, eu vejo meu futuro nele, a comunicação com as pessoas. O português pode me ajudar a me relacionar com as pessoas”*.

Sujeito Surdo 5: O quinto participante denominado S5, possui idade entre 22 a 25 anos, se declara pardo, solteiro, não possui filho, surdo profundo, nunca passou por nenhum processo de cirurgia em relação à surdez usa Libras para se comunicar. Segundo o mesmo: *“Já usei prótese há muito tempo, mas não gosto mais, gosto mesmo é de Libras”*. É possível reconhecer que o Sujeito S5 tem sua identidade surda reconhecida. Segundo o mesmo, considera importante em termos de aprendizagem a: *“Libras, porque é a primeira língua, é a mais importante, se você não souber Libras fica até mais difícil a escrita em português, mas o português escrito é muito importante como segunda língua”*.

Sujeito Surdo 6: O sexto participante denominado de S6, possui idade entre 22 a 25 anos, se declara branco, solteiro, não possui filho, nunca passou por nenhum processo de cirurgia em

relação à surdez, usa prótese auditiva em alguns momentos e usa Libras para se comunicar. É possível reconhecer que S6 possui identidade surda. Além disso, considera fundamental em termos de aprendizagem que a escola valorize a Libras como primeira língua e o português como segunda língua.

3.4 Problema de Pesquisa

Este trabalho aborda o seguinte questionamento: Tendo em vista que toda a trajetória de educação dos surdos apresenta diversos problemas de ordem linguística, comunicacional, aprendizagem e relações sociais, na qual eles não recebem uma preparação adequada para adentrar ao Ensino Superior, de modo que suas singularidades sejam reconhecidas e valorizadas. Como que está sendo a inserção do estudante surdo na Universidade de Brasília (UnB), assim como, tem sido sua permanência durante o seu processo estudantil no ensino superior?

Dentro desse contexto, esta pesquisa tem o intuito de conhecer e reconhecer o estudante surdo, considerando toda a sua trajetória até o presente momento que ele se encontra dentro da UnB, além de compreender de que forma a Universidade vem contribuindo para sua formação acadêmica e pessoal.

Saber quem são esses estudantes, de onde vem, se suas necessidades estão sendo atendidas de forma desejada, e de que forma a Universidade contribui para a sua formação cultural e acadêmica. Em suma, construir um levantamento a respeito dos estudantes surdos na Universidade de Brasília (UnB), por meio de um mapeamento no campo Darcy Ribeiro da UnB.

3.5 Instrumento de pesquisa

O instrumento de pesquisa escolhido para esta pesquisa foi a entrevista. De acordo com Ribeiro (2008, p. 138), através da entrevista é possível “o levantamento dos dados da realidade empírica”, dessa forma, esse foi um dos principais motivos na escolha do instrumento de pesquisa.

A pesquisa teve caráter exploratório, dentro todas as opções de técnicas de construção de dados a entrevista foi a que mais se aproximou do objetivo da pesquisa, que compreender de que forma ocorreu a inserção do estudante surdo dentro da universidade além de ouvir pelos próprios alunos da universidade, como que se dar o acesso e a permanência dos mesmos.

Conforme vários autores, a entrevista é:

Uma ferramenta imprescindível para se trabalhar buscando-se contextualizar o comportamento dos sujeitos, fazendo a sua vinculação com os sentimentos, crenças, valores e permitindo, sobretudo que se obtenha dados sobre o passado recente ou longínquo, de maneira explícita, porém tranquila. (ROSA; ARNOLDI, 2006, p. 14)

De acordo com Salvador (1980), a entrevista vem sendo procurada por pesquisadores que têm a necessidade de obter dados que não podem ser encontrados em registros e fontes documentais, dessa forma recorrendo a pessoas capacitadas a construir uma nova fonte de dados.

Essa entrevista teve caráter narrativo, onde se caracterizam ferramentas não estruturadas, visando a profundidade, tendo o intuito de contextos situacionais, emergindo histórias de vida. Esse tipo de entrevista visa estimular os sujeitos a contar alguns acontecimentos importantes de sua vida, que no caso, é a inserção e permanência dentro da UnB. Tem a ideia de reconstruir acontecimentos a partir do ponto de vista dos informantes.

No caso desta pesquisa, utilizamos uma entrevista semi-estruturada, ou seja, com perguntas fechadas e perguntas abertas, que se constituíram em maioria.

Todas as entrevistas foram realizadas durante o mês de agosto de 2019 e foram traduzidas para a Língua Brasileira de Sinais – Libras por profissionais da área de tradução e interpretação em Libras.

As interpretações orais foram gravadas e regravadas posteriormente pela pesquisadora. Durante as entrevistas, foi realizado anotações complementares quando o sujeito entrevistado acrescentava informações extras.

Dessa forma, quando se fala de estudante surdos dentro da Universidade de Brasília para obter uma pesquisa com realidade empírica, busquei obter essas informações diretamente com os estudantes, assim compreendendo de forma mais objetiva a realidade dos mesmos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As entrevistas ocorreram dentro do Laboratório de Educação de Surdos e Libras (Labes-Libras) da Faculdade de Educação, situado na Universidade de Brasília, que no decorrer das entrevistas e conversas foi considerado um espaço importantíssimo na formação dos surdos dentro da universidade.

Sendo assim, reunimos fatos que demonstram como se deu o acesso e a permanência do estudante surdo dentro da UnB e como a universidade vem contribuindo, ou não, na formação do sujeito surdo.

A. Acesso ao nível superior

1. O edital

Durante a entrevista perguntei aos alunos sobre seu acesso ao nível superior, inicialmente sobre como foi o edital, se foi acessível. De acordo com a maioria dos participantes, o edital para o vestibular não estava acessível em Libras, causando dificuldades na inserção do surdo à universidade, foram relatados pelos mesmos as seguintes falas:

Sujeito S1: *“No edital eu encontrei barreiras, tive bastante dificuldade. Não havia legenda, reclamamos no governo, no Ministério da Educação, mas até hoje não obtivemos respostas”*¹

Sujeito S2: *“O edital não era em Libras”*

Sujeito S3: *“Não, o edital era péssimo, não tinha nenhuma acessibilidade”*

Sujeito S4: *“O edital não era acessível, era horrível. Para o ouvinte ele vai lá e lê, vê os conceitos, as coisas detalhadas. Mas o edital para o surdo não tinha acessibilidade, havia falhas, não tinha contexto, a comunicação não estava clara. Para o surdo apresentava-se com limitações”*

Sujeito S5: *“O edital era todo em português, a gente não entendia nada”*

Sujeito S6: *“O edital não era acessível, faltou muita informação em Libras, era só em português”*

¹ Todas as falas foram produzidas em Libras e interpretadas para a Língua Portuguesa pela coordenadora, e pelo interprete do Labes-Libras.

Discussão

Quando se fala de acesso ao ensino superior, em 1996 o MEC encaminhou às Instituições de Ensino Superior o Aviso Circular nº 277/1996, com orientações que tinham o intuito de estimular a acessibilidade aos candidatos que estavam concorrendo uma vaga na universidade, da seguinte forma: “Na elaboração do edital, para que possa expressar, com clareza, os recursos que poderão ser utilizados pelo vestibulando no momento da prova” (BRASIL, 1996, p.1).

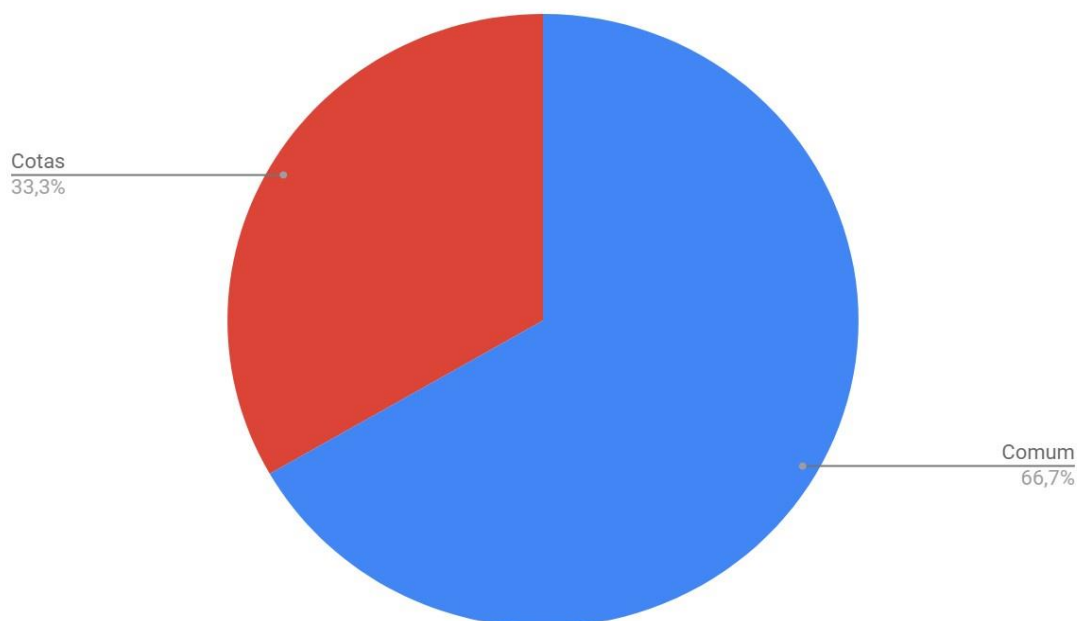
Porém, foi constatado por todos os estudantes entrevistados que o edital não se encontrava da forma almejada, criando barreiras para o estudante surdo logo no primeiro contato com o nível superior. O curioso é que existe por lei uma determinação que exige explicitamente que o edital seja acessível, no entanto quando foi escutado a opinião do aluno surdo que está dentro da universidade, este item não foi contemplado no acesso ao ensino superior.

Neste caso é possível perceber que está ocorrendo uma falha no próprio sistema de inclusão do estudante surdo no ensino superior, é necessário que se obtenha um edital mais acessível, fazendo com que o surdo tenha a acessibilidade necessária desde o primeiro contato com o ensino superior. Além disso, podemos nos questionar se esse aspecto é tão importante assim, considerando-se que não foi impedimento para o acesso dos entrevistados ao nível superior. Porém, vale destacar que antes de entrar em uma universidade, o estudante surdo conta com o apoio de familiares, professores e até de intérpretes para fazer a leitura do edital. Dessa forma, o que se questiona é para onde foi a autonomia desse sujeito, se ele sempre depender de alguém para ter acesso a algo, que é seu direito.

2. Inserção na universidade

Segundo relatos dos alunos em relação às informações sobre o vestibular para a UnB, foi constatado que as informações chegaram a eles por meio de internet e/ou famílias que avisaram sobre a abertura do edital. Dessa forma podemos notar que ainda não existe uma política pública eficaz que garanta a comunicação necessária para sujeitos surdos, que seja do seu interesse, que no caso é a abertura de um vestibular que é direcionado a pessoas surdas.

Em seguida, foi perguntado aos alunos de que forma se deu a sua inserção na universidade, e foi coletado os seguintes dados. Os entrevistados responderam que a inserção se deu através de:



Todos os sujeitos entrevistados encontram-se inseridos no curso Letras-Libras-Português como Segunda Língua, atualmente o acesso ao curso ocorre por meio do vestibular em Libras.

Em relação ao vestibular, segundo os alunos entrevistados se deu de maneira eficaz para seu entendimento, como podemos observar em algumas falas:

Sujeito S1: *“A prova foi boa, nos momentos de dúvidas eu precisava de intérprete, eu ainda não era tão fluente em Libras. O intérprete sempre me explicava muito bem as palavras”*

Sujeito S5: *“A prova foi ótima, por videoconferência em língua de sinais”*

Discussão

Podemos observar que as cotas é uma opção importantíssima para a inserção ao ensino superior, lembrando que as cotas não é um privilégio, mas um reconhecimento da especificidade do outro, que é tão profunda que pode ocasionar limitações ao acesso ao nível superior. No caso dos surdos a questão é de ordem linguística e cultural.

Sendo assim, as cotas tem uma grande importância para o acesso de comunidades que se encontram em minorias na inserção a universidade. Atualmente a UnB possui cotas que atende dois grupos minoritários, que são eles: Sistema de Cotas para Escolas Públicas ou Sistema de Cotas para Negros.

Além disso, atualmente no curso Letras-Libras-Português como segunda língua, dentro de todos os sistemas há reserva de vaga para candidatos surdos ou com deficiência auditiva, assim como consta no seu edital de nº 1 – UnB Vestibular Libras, de 17 de agosto de 2018.

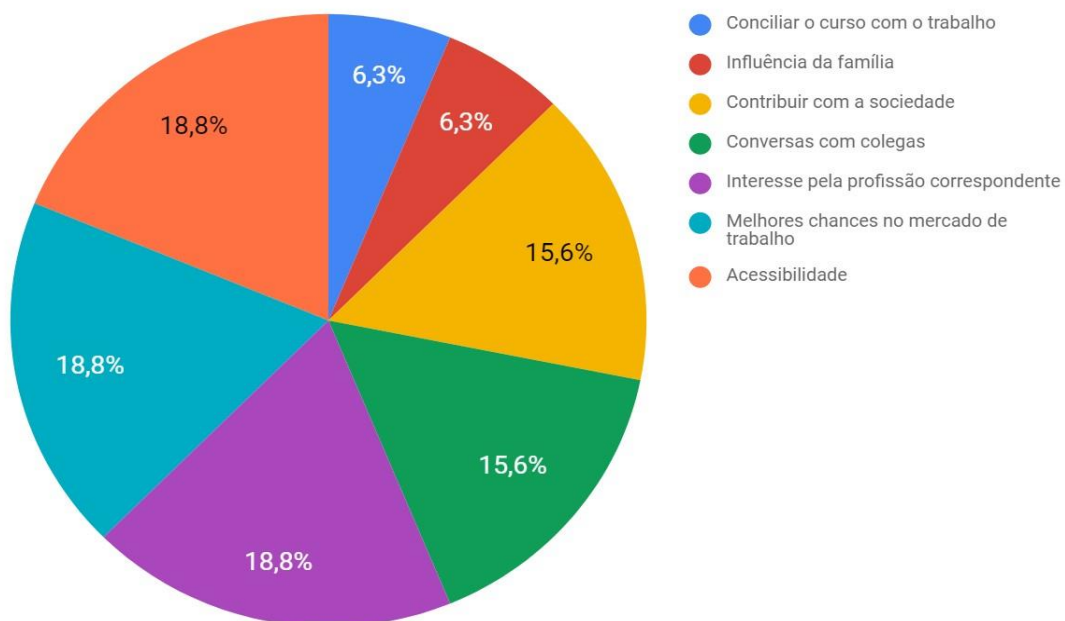
Sobre esse aspecto é muito importante compreender de que forma está sendo ofertado o vestibular para os surdos e se suas necessidades específicas estão sendo atendidas. Como vimos anteriormente, de acordo com Silva e Danelon (2013), encontra-se atualmente grandes dificuldades no ingresso das pessoas com deficiências no ensino superior, especialmente em instituições públicas.

Apesar do edital ter sido reprovado em questão de acessibilidade pelos sujeitos surdos, por outro lado o vestibular era acessível em Libras, como consta no edital citado anteriormente: “As provas estarão disponíveis ao candidato durante a aplicação em Língua Portuguesa e em Língua Brasileira de Sinais, podendo o candidato utilizar tanto a versão em Língua Portuguesa quanto a versão em Libras, ou até mesmo as duas versões, conforme sua conveniência”. Sendo assim, por direito o surdo tem o reconhecimento por meio de uma prova adaptada às suas necessidades linguísticas.

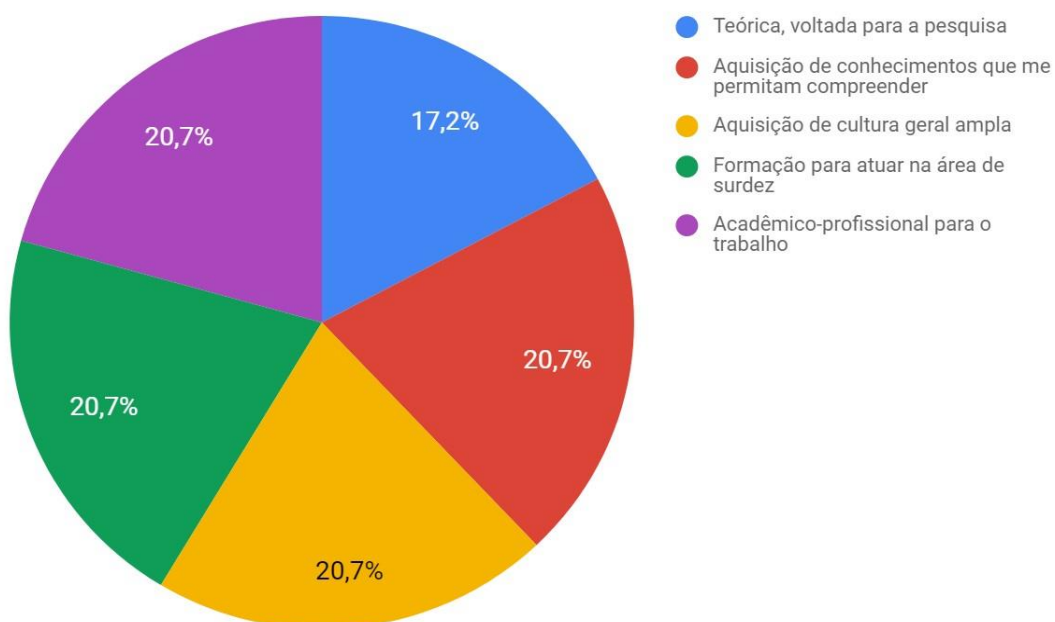
Então, no quesito vestibular acessível para surdos, a UnB desponta com a acessibilidade no curso Letras-Libras-Português como segunda língua. No entanto, questiona-se o porquê de somente este curso possui acessibilidade para surdos no vestibular. Este fato positivo, pode se tornar um elemento limitador, pois o subtexto que a UnB passa aos candidatos surdos é que somente podem prestar vestibular a um curso. Os demais encontram-se impedidos ao estudante surdo, inclusive Pedagogia, que é um curso muito desejado pela comunidade surda. Para entrar em outros cursos, somente os sujeitos que se dizem deficientes auditivos, como vimos no quadro da metodologia, e que não saibam Libras, ou seja, prestam o vestibular comum junto com os ouvintes.

3. A escolha do curso

Quando foi perguntado sobre os principais motivos que levaram a escolher esse curso dentro da universidade, a partir de algumas opções foram obtidos os seguintes dados:



Uma outra questão foi sobre o que se espera se um curso universitário. A partir de algumas opções, foram obtidos os seguintes dados:



Discussão

A partir do que foi exposto pelos sujeitos surdos, é necessário ter a percepção que os surdos, assim como os ouvintes, procuram algo além de um diploma de Ensino Superior, eles procuram uma educação que considere sua acessibilidade, mas também que tenham uma formação adequada e justa.

Quando esses jovens tiveram a oportunidade de escolher o seu atual curso universitário, eles consideraram a carreira que levariam para a vida, o que aquele curso acarretaria de positivo durante seu percurso, e depois de formado.

Atualmente o curso tem por meta a formação de professores, onde é trabalhado a Libras como primeira língua, e o Português como segunda, assim podendo atuar futuramente em escolas bilíngues.

O curso Letras-Libras-Língua Portuguesa se circunscreve em um contexto de políticas linguísticas. Atualmente é o curso que mais recebe sujeitos surdos dentro da UnB levando em conta a acessibilidade e o interesse pela profissão correspondente que são os principais motivos colocado pelos alunos surdos de acordo com o primeiro gráfico.

A partir dos dados no segundo gráfico os alunos buscam uma formação completa dentro da universidade, sua atual formação vai além de toda a educação já recebida nos anos anteriores de sua vida. É necessário que aja uma formação adequada que abranja todas as áreas de pesquisas, culturas, surdez, etc.

Os estudantes colocam que se espera principalmente de um curso superior uma formação para atuar na área da surdez, assim podendo quebrar barreiras futuras onde pode ter ocorrido de não encontrar professores adequados na sua formação. Uma formação acadêmica-profissional para o trabalho, os estudantes esperam de algo além de teoria, é necessário que exista uma formação profissional, onde eles possam vivenciar o que de fato o campo de trabalho tem a lhe oferecer. Uma aquisição de cultura geral ampla, onde eles possam ter a oportunidade do que a universidade tem a oferecer diante de outras culturas, outras pessoas, etc. E por fim, aquisição de conhecimentos, é necessário que acima de tudo os estudantes surdos tenham adquirido um conhecimento amplo durante a formação na universidade.

B. Permanência no Ensino Superior

1. Núcleo de acessibilidade

Questionado a respeito do núcleo de acessibilidade² dentro da universidade e de que forma lhe ajudou. Os sujeitos responderam o seguinte:

Sujeito S1: *“Sim, já encontrei alguns, mas é necessário que tenha intérprete em todos os departamentos da UnB”*

Sujeito S2: *“Sim, o Labes Libras, o LIP e o PPNE. O Labes Libras me ajudou em tudo, na acessibilidade, na oportunidade de conhecer a UnB, saber sobre questões da Pedagogia bilíngue. O PPNE antes não tinha intérprete de Libras, então era muito difícil, mas com o intérprete fica mais acessível ao surdo. O LIP sempre teve intérprete de Libras, sempre teve acessibilidade”*

Sujeito S3: *“Só o Labes-Libras. O PPNE se declara como núcleo de acessibilidade, mas eles não fazem nada pela vida do surdo, parece que estão lá só para falar que tem”*

Sujeito S4: *“Alguns, por exemplo o Labes-Libras é o mais importante, e uma sorte muito grande na vida dos surdos de Brasília. Porque a pedagogia ajuda na inclusão social do surdo, mas a UnB precisa mais de acessibilidade. Também temos o PPNE”*

Sujeito S5: *“Só o Labes-Libras”*

Sujeito S6: *“Não tem”*

Discussão

Quando se trata de núcleo de acessibilidade é importante ressaltar que foi criado pelo Decreto nº 7.611/2011, art. 5º, a determinação de criação de “núcleos de acessibilidade nas instituições federais de educação superior que visem eliminar barreiras físicas, de comunicação e de informação que restringem a participação e o desenvolvimento acadêmico e social de estudantes com deficiência”.

O núcleo de acessibilidade garante a permanência do estudante dentro da universidade, pois atende suas necessidades educacionais considerando a particularidade de cada sujeito presente. Segundo Melo e Araujo:

Sendo a universidade um espaço de construção de conhecimento e cidadania, torna-se imprescindível que ela esteja igualmente comprometida com a realidade social do

² Compreende-se por Núcleos de Acessibilidade, um espaço físico, com profissionais capacitados que garantam a acessibilidade e efetivação das atividades pedagógicas das pessoas que estão envolvidas no contexto acadêmico.

discente. Desse modo, deve propiciar condições objetivas de permanência na Educação Superior, prevenindo causas da retenção e/ou evasão a partir das situações decorrentes de dificuldades. (Melo e Araújo, 2018, p. 60)

Apesar de existir um decreto que determina a criação desses núcleos, dentro da UnB o espaço que está sendo mais eficaz no atendimento das particularidades acadêmicas é o Labes-Libras, que é considerado, pela maioria, um importantíssimo espaço na formação do surdo. Segundo o projeto do Labes-Libras (2017):

As ações desenvolvidas neste laboratório concebe a educação de surdos como um desafio de atuação com estudantes que se desenvolvem por meio de estratégias visuais e destaca a Libras como fundamental no desenvolvimento de uma prática pedagógica com estes alunos.

Sendo assim, as ações deste laboratório buscam, entre outras questões, discutir e ampliar a formação do professor articulada às especificidades de aprendizagem dos alunos surdos, aprofundar a compreensão dos modos de aprendizagem destes alunos e promover o conhecimento das habilidades básicas expressivas e receptivas em Língua Brasileira de Sinais. (Laboratório de Educação de Surdos e Libras – Labes/Libras, 2017)

É necessário repensar como os núcleos de acessibilidade da UnB estão estruturados e se realmente tem a capacidade de atender toda a comunidade surda que está presente dentro da mesma, com suas singularidades de aprendizagem.

2. Intérpretes dentro da universidade

Foi questionado aos estudantes se havia intérpretes presentes na sala de aula e como se dava a metodologia dos mesmos e foram obtidas as seguintes respostas:

Sujeito S1: *“Sim, tem intérpretes, mas eles não têm metodologia para trabalhar com isso. Alguns intérpretes são bons, outros nem tanto”*

Sujeito S2: *“Sim, tem intérpretes, e o nível de fluência deles é maravilhoso, e o tempo deles é integral”*

Sujeito S3: *“Tem intérpretes, mas nem todos são bons. Às vezes questiono sobre eles não passarem as informações corretas, e sempre falo: Vocês estão dentro da universidade, como não sabe fazer as coisas direito?”*

Sujeito S4: *“Sim, maravilhosos. Claro que tem uns que erram, mas eu sou o primeiro a reclamar”*

Sujeito S5: *“Sim, tem. Eles são fluentes demais”*

Sujeito S6: *“Tem intérpretes, tem vários níveis, alguns bons outros razoáveis”*

Além dos intérpretes dentro da sala de aula, foi questionado aos sujeitos surdos se nos lugares que buscavam informação tinha presente algum intérprete para auxiliar na comunicação, e foram obtidos o total de 100% de respostas negativas.

Segundo os estudantes é necessário que exista a disposição dos intérpretes principalmente em alguns lugares específicos da UnB. Segue os lugares que se torna imprescindível a presença do intérprete de acordo com os entrevistados:



Discussão

Segundo Goffredo (2004), o intérprete³ tem uma importante participação na garantia da permanência do jovem surdo no ensino superior. Dessa forma, é necessário que se encontre intérpretes capacitados para atender ao aluno neste contexto.

Além disso, existem leis que regulamentam a profissão e determinam a atuação desses profissionais, sendo uma delas a Lei nº 12.319/2010 que regulamenta a profissão de Intérprete de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

De acordo com a Lei Nº 12.319/ 2010, art. 6º

II - Interpretar, em Língua Brasileira de Sinais - Língua Portuguesa, as atividades didático-pedagógicas e culturais desenvolvidas nas instituições de ensino nos níveis fundamental, médio e superior, de forma a viabilizar o acesso aos conteúdos curriculares.

³ Os intérpretes de língua de sinais surgiram devido a necessidade da comunidade surda de possuir um profissional que auxiliasse no processo de comunicação com as pessoas ouvintes.

IV - Atuar no apoio à acessibilidade aos serviços e às atividades-fim das instituições de ensino. (BRASIL, 2010)

Dessa forma dentro da sala de aula o intérprete tem o papel de ser o canal comunicativo entre os alunos surdos com as outras pessoas que compartilham de línguas diferentes, auxiliando a aprendizagem desse aluno. Dessa forma, é de extrema importância que o intérprete adote estratégias linguísticas para que o aluno surdo não perca informações durante as explicações do professor.

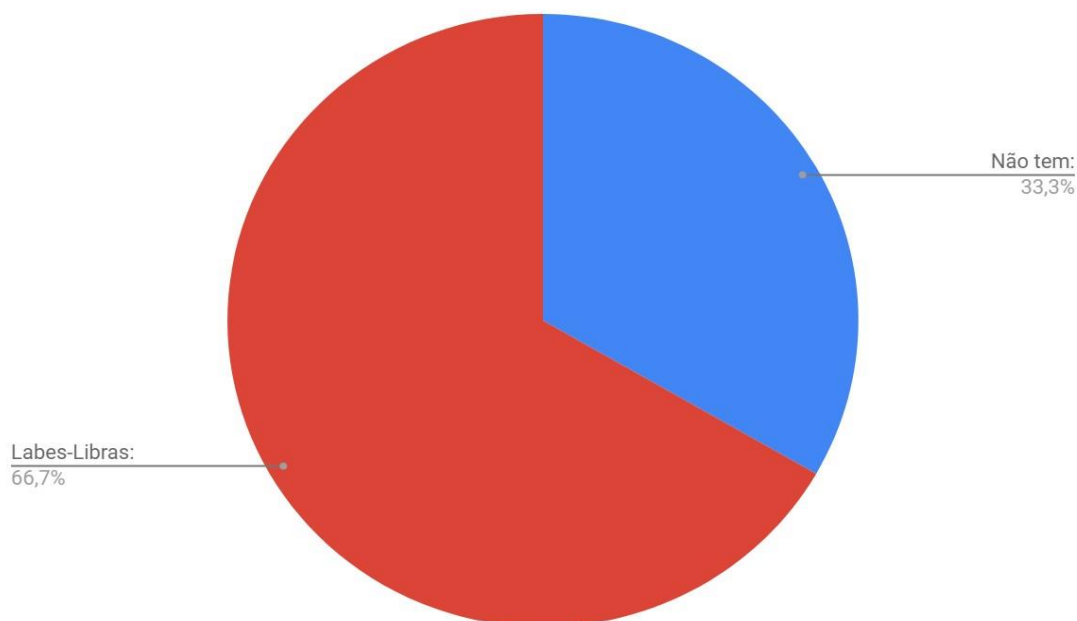
Além disso, não podemos nos deparar com profissionais mal capacitados, já que estamos falando do curso Letras Libras Português como Segunda Língua, o único curso completamente acessível ao estudante surdo na UnB, desde o vestibular até o momento das aulas. E a garantia da presença desse profissional habilitado para atuar junto aos estudantes surdos é um dos fatores fundamentais na garantia da permanência do estudante surdo dentro da universidade.

Segundo as legislações, o intérprete tem o papel de facilitar a comunicação desse aluno, sem que ele perca as informações dentro de sala de aula. Mas, de acordo com as falas dos alunos entrevistados, apesar de possuir intérpretes dentro da sala de aula, nem todos concordam que exista uma didática que favoreça tal comunicação.

De acordo com os entrevistados, eles consideram o trabalho dos intérpretes no curso muito bom, mas que ainda há exceções, com intérpretes mal habilitados. É necessário que exista uma didática mais adequada para esses intérpretes que auxilia a comunicação de estudantes surdos, inclusive quando falamos de ensino superior.

3. Complementação Pedagógica

Em relação à complementação pedagógica específica para estudantes surdos dentro da universidade a fim de colaborar com a compreensão dos conteúdos tratados em sala de aula ou na realização das atividades, os alunos falaram que está faltando um auxílio para eles nesse aspecto. Nesse sentido, foram obtidos os seguintes dados em relação à questão:



Discussão

Diante do gráfico colocado sobre complementação pedagógica, o Labes-Libras, de acordo com as respostas dos entrevistados está sendo o único espaço pedagógico na formação do surdo dentro da universidade. Foram relatados que muitos estudantes surdos recorrem a este espaço para realizações de atividades, compreensão do conteúdo visto em sala de aula, encontro com os pares, tirar dúvidas, etc.

É preciso compreender que o estudante da universidade necessita de algo além das aulas ministradas pelos professores, é necessário que exista um apoio pedagógico, que possa auxiliar sua aprendizagem.

Em outras palavras, para o estudante surdo conseguir permanecer na universidade, ele necessita do apoio especializado complementar, tanto para aprofundar as temáticas trabalhadas em sala de aula, como as categorias científicas, por exemplo, quanto na realização das atividades exigidas pelo professor. A maioria dos alunos entrevistados, disseram que tentam resolver essa questão com muita dificuldade, buscando na internet informações a respeito do que foi tratado.

No entanto, é preciso que se diga, esses conteúdos da internet estão na maior parte das vezes em LP. Sendo assim, o Labes-Libras desponta como esse lugar propício para o apoio pedagógico para os estudantes surdos, usuários de Libras, dentro da UnB. O Labes-Libras tem o objetivo de atender a comunidade surda dentro da universidade, a fim de colaborar com a

formação desses estudantes, além de ser um espaço de comunicação livre, e tem como princípio respeitar a comunidade surda, considerando suas necessidades linguísticas.

Mas, não podemos deixar de falar dos 33% que dizem não haver dentro da universidade esse apoio, pois o Labes-Libras ainda não conseguiu se firmar enquanto espaço pedagógico para esses estudantes e alguns, inclusive, desconhecem o local. Um dos motivos do Labes-Libras ainda não se colocar completamente nessa função, de acordo com a coordenadora Edeilce Buzar, é a fragmentação das ações voltadas para estudantes surdos dentro da UnB e a ausência de profissionais adequados para a execução das atividades.

4. Atividades escritas

Diante das questões da escrita em Língua Portuguesa, os alunos afirmaram que os professores são bem exigentes, mas no intuito de instigar a aprendizagem dos alunos, no entanto que entendiam as suas particularidades. Então de certa forma acabavam sendo mais flexíveis em relação às atividades avaliativas por meio da escrita.

Sujeito S1: *“O professor explica e aplica as provas e/ou atividades, mas é obrigatório escrever de forma correta, os professores são exigentes para nos provocar a aprender”*

Sujeito S4: *“O professor é rígido, ele sabe que é uma especificidade do surdo, mas ele corrige e faz aprimorar cada vez mais o conhecimento do surdo”*

Discussão

Em relação às atividades escritas dos estudantes surdos, de acordo com a Portaria n° 3.284/2003 determina que se torne necessário:

Adotar flexibilidade na correção das provas escritas, valorizando o conteúdo semântico;

Estimular o aprendizado da língua portuguesa, principalmente na modalidade escrita, para o uso de vocabulário pertinente às matérias do curso em que o estudante estiver matriculado; (BRASIL, 2003).

O professor se encontra na obrigação de ensinar cada vez mais o surdo a compreender o mundo, sendo necessário instigar seu aluno a aprender cada vez mais, seja na sua língua materna que é a Libras, como também na Língua Portuguesa, que também auxilia a compreensão do mundo de outra forma.

No entanto, é necessário que o sujeito surdo seja respeitado em sua condição bilíngue. Assim como afirma Sobreira e Ciconne (2006) das disposições cruciais é necessário que seja respeitada a característica semântica e singularidade linguística no nível formal de suas escritas.

5. Principais dificuldades no percurso dentro da UnB

Foi questionado aos alunos sobre quais dificuldades eles encontravam em seu percurso na UnB, que de alguma forma atrapalhava seu desenvolvimento em alguma área. E foram obtidas as seguintes respostas:

Sujeito S1: *“Na escolha de disciplinas no site, sempre precisa de intérprete para ajudar, porque nunca fica claro as informações que estão em português”*

Sujeito S2: *“Com relação às bolsas, é muito difícil conseguir, pois não tem edital em Libras, apenas em português, as informações não ficam muito claras”*

Sujeito S3: *“Na falta de informação que não é passada para o surdo. Muitas vezes os professores que não sabem de alguns assuntos ficam perguntando para mim, e eu falo: Como assim, um professor de nível superior que não consegue dar uma aula?”*

Sujeito S4: *“Na falta de acessibilidade para o surdo entrar em outros cursos”*

Sujeito S5: *“Na secretaria do LIP, no PPNE, que não tem comunicação, não tem intérprete de Libras”*

Sujeito S6: *“Leitura de texto em português”*

Discussão

Por esse viés, é possível notar que a dificuldade do estudante surdo está presente em diversos momentos, seja na falta de comunicação até as práticas em sala de aula, como leitura de textos. Apesar de conseguir permanecer no curso, o estudante surdo encontra várias barreiras no decorrer do mesmo.

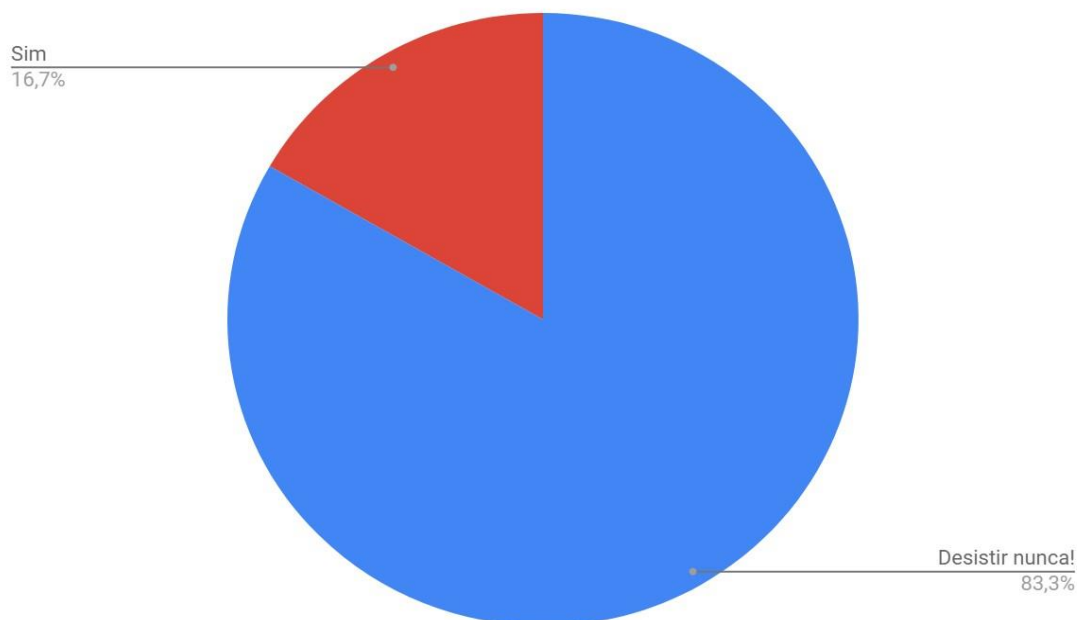
Como é sabido, a primeira língua do surdo é a Libras, e não a Língua Portuguesa. O surdo vem sofrendo grandes dificuldades em relação à garantia da sua acessibilidade linguística. Pelo observado, a universidade não vem praticando uma comunicação ativa com esses estudantes.

Neste caso é possível perceber que para além do curso Letras-Libras-Língua Portuguesa, a universidade não tem a preparação acessível para garantir a língua materna do surdo, visto que a mesma deveria orientar os surdos a como diminuir suas dificuldades dentro dela (universidade). Ou seja, a partir do momento em que o sujeito surdo tem a obrigação de usar outra língua diferente de sua língua materna, nega-se não somente sua língua, e sim o próprio sujeito, podendo causar agravos na identidade surda que já foi construída e limitações

a seus direitos como acesso à bolsas, como os demais alunos, acesso à informações fundamentais ao desenvolvimento da vida acadêmica, entre outras.

6. Sentimento dentro da UnB

Foi perguntado aos sujeitos se em algum momento pensou em desistir do curso dentro da UnB:



O sujeito S4 que respondeu sim, explicou o motivo da seguinte forma:

“Eu quase desisti, porque aqui ... não é só UnB... é o Brasil que precisa aprimorar o conhecimento das condições dos surdos, é o limite na comunicação, a falta de acessibilidade, é sim motivo de desistência. Quando tem intérprete que nos valoriza, que valoriza nossa língua, nós queremos permanecer, ou seja a acessibilidade em Libras nos faz querer ficar”.

Dentro desse mesmo contexto, foi perguntado se eles se sentiam feliz com a experiência da UnB, e quais os pontos positivos que a universidade trouxe para sua vida, foram recebidas as seguintes falas:

Sujeito S1: *“Eu estou bastante feliz com a minha aprovação na UnB! De positivo foi o meu desenvolvimento, o que acrescentou foi a ajuda na sala de aula, o professor sempre está disposto a ajudar, fazendo uma troca de conhecimento, os professores são cada vez melhores, tem somado bastante para mim”*

Sujeito S2: *“Eu estou muito feliz, quando passei na UnB parece que Deus abriu as portas para mim, tive muitas oportunidades. De positivo foi muitas coisas, muitas pessoas me parabenizaram por entrar na UnB, além de todos os conhecimentos”*

Sujeito S3: *“Eu estou muito feliz, eu amo a UnB. Tive muitas coisas positivas, agora eu estudo muito, sei de muita coisa, tenho muitos amigos, depois que entrei na UnB, foram só coisas boas na minha vida”*

Sujeito S4: *“Muito feliz. A UnB me deu muita força, coragem, abriu minha mente, e cada vez fui abrindo meu lado artístico, me fortaleceu muito”*

Sujeito S5: *“Sim, estou muito feliz, antes minha vida era muito difícil, não tinha nada para fazer. Depois que eu me adaptei dentro da UnB foi ótimo, minha vida melhorou cada vez mais”*

Sujeito S6: *“Estou muito feliz. Depois que passei no vestibular eu fiquei muito feliz, isso já foi muito importante para mim”*

Discussão

Quando se fala sobre os benefícios que um curso superior acrescenta na vida de alguém e o que traz de positivo. No caso dos surdos, que vem de um histórico de descrédito em sua capacidade, de proibição de sua língua, adentrar em um curso superior de uma das melhores universidades do Brasil é uma verdadeira “revolução” cognitiva, mas também emocional.

Sobre este aspecto é muito importante notar a satisfação emocional dos sujeitos surdos dentro da universidade, que mesmo com algumas barreiras linguísticas eles conseguem vencer esse desafio e dar continuidade aos seus estudos.

Nesse sentido se observa que a identidade surda toma lugar de destaque, os sujeitos falavam com toda a certeza *“DESISTIR NUNCA”*, porque eles sabem que são capazes de enfrentar qualquer impedimento que venha a aparecer a vencer mais uma etapa na sua vida.

Os surdos demonstraram gostar muito da universidade, pois ela é um lugar que eles podem ser livres, podem expor sua opinião, podem lutar com veracidade mostrando que sua educação é o que eles têm de mais forte. O empoderamento do surdo se mostrou de forma ativa.

7. Permanência do estudante surdo dentro do ensino superior

Os sujeitos entrevistados deram algumas opiniões a respeito de como aprimorar a permanência de estudantes surdos dentro do ensino superior:

Sujeito S1: *“Principalmente as informações básicas sobre o direito do surdo dentro da universidade, sobre documentos, onde precisa ir, saber dos seus direitos de bolsa, assistência, passe livre, etc.”*

Sujeito S2: *“Precisa ter intérprete nos outros cursos, e criar um curso de Pedagogia bilíngue, e um curso com foco na área de surdez, é preciso mudar a estrutura da UnB, precisa ser mais acessível”*

Sujeito S3: *“A universidade precisa ter mais acessibilidade para o estudante surdo, precisa ter estrutura para receber esses alunos. E principalmente a reitoria perceber que tem estudante surdo dentro da universidade, colocar intérpretes e professores adequados para garantir a aprendizagem”*

Sujeito S4: *“O surdo tem que ter acesso ao Labes-Libras, ajuda muito. Mas é preciso melhorar a acessibilidade na comunicação nas secretarias, ter mais intérprete no Labes-Libras, melhorar a acessibilidade no PPNE, porque é muito importante, os surdos precisam saber das informações sobre estágio, paralisação, etc.”*

Sujeito S5: *“A acessibilidade em Libras em todos lugares, e intérpretes fluentes”*

Sujeito S6: *“Que os intérpretes sejam mais fluentes. Faltam mais intérpretes com uma formação mais adequada”*

Discussão

De acordo com Sasaki (2002, p. 41), “o significado de inclusão não se resume ao acesso, mas também a permanência desses educandos, o que é primordial e deve ser alvo de atenção e investimento político, financeiro e pedagógico”.

Dessa forma, são necessários programas educacionais de qualidade, que garantam a permanência do estudante surdo dentro da universidade, assim evitando a evasão e abandono dos sujeitos surdos quando inseridos no ensino superior.

Quando falamos de estudantes surdos e acessibilidade no ensino superior, os intérpretes estão sempre nas falas, então é notável que o intérprete tem uma grande importância no acesso e na permanência desses estudantes no sistema de ensino.

Ressaltando que essa acessibilidade para sujeitos surdos se constitui na comunicação que esses sujeitos têm com outras comunidades envolvidas. Para os estudantes surdos é necessário que existam práticas reais de acessibilidade na sua comunicação para assim melhorar seus conhecimentos e permanecer aprendendo, essas práticas têm uma grande importância na fluência dos intérpretes dentro da universidade.

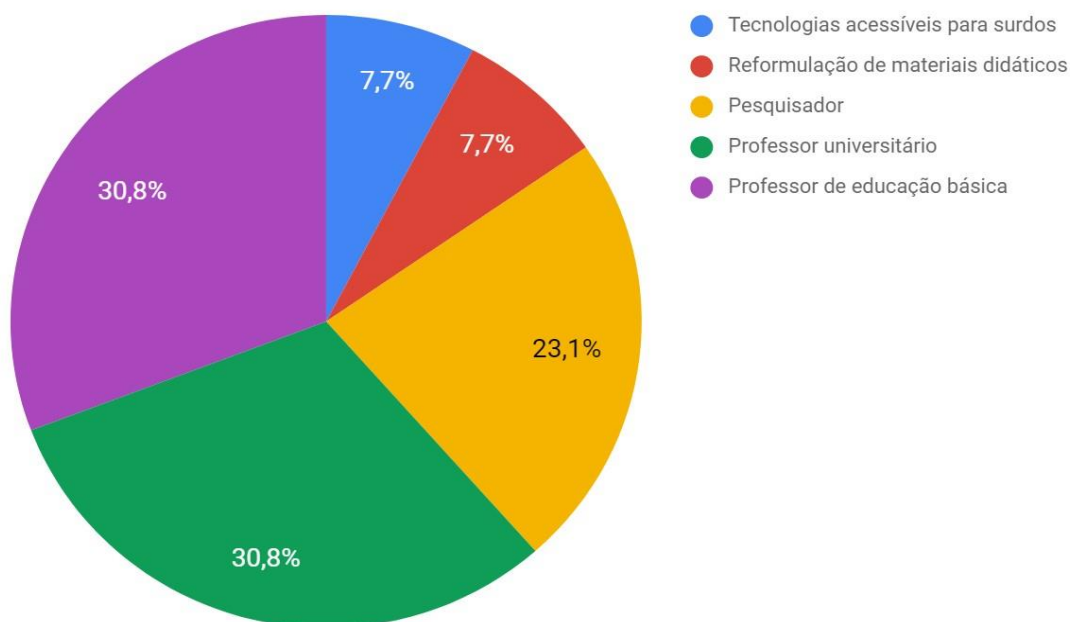
É importante que a universidade garanta ao surdo o acolhimento em Libras. Atualmente o Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP) conta com uma sala que possui uma equipe de intérpretes que garante o atendimento dos alunos surdos naquele curso, naquele departamento, mas infelizmente esses atendimentos são apenas durante as aulas, e/ou com atendimentos marcados, ainda falta uma comunicação direta quando os alunos surdos buscam informações em outros espaços da universidade.

Apesar de existir essa equipe de intérpretes, eles ficam restritos a um único curso dentro da universidade, e o Labes-Libras possui apenas um intérprete, como é destacado pelo S4.

A universidade precisa se mobilizar a fim de atender as necessidades que os estudantes surdos colocam, de forma a aprimorar a permanência dentro dela (universidade). Sendo essas necessidades a acessibilidade linguística, comunicacional, ou seja, mais intérpretes, uma comunicação de qualidade nos principais locais da universidade, que ainda fica a desejar.

8. Âmbito profissional

Questionados sobre as profissões que o curso que estudam permite trabalhar, foram obtidos os seguintes dados:



Discussão

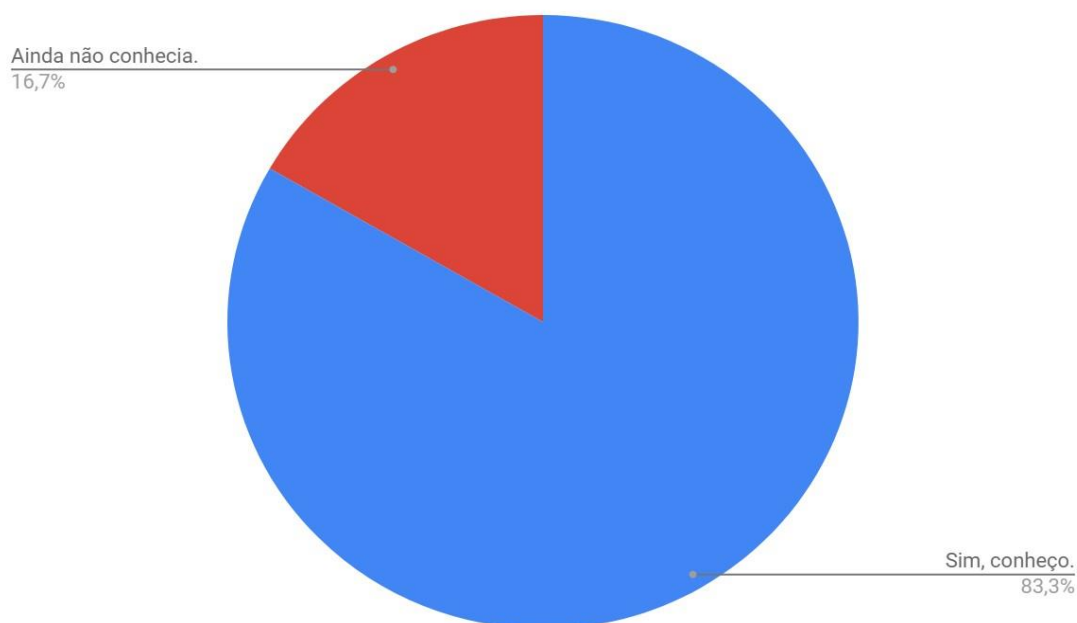
Apesar de todas as políticas públicas criadas visando a inserção do sujeito surdo no ensino superior ainda encontramos barreiras e limitações na comunicação dentro da universidade.

O estudante surdo dentro da universidade tem a possibilidade de seguir diversas carreiras, sendo as principais: Professor de educação básica e Professor de educação superior. Essa possibilidade de formar novos educadores surdos gera uma grande oportunidade para futuros estudantes surdos receber um educador de qualidade que vai auxiliar na sua aprendizagem de forma eficaz e contribuir sobremaneira com as questões identitárias e culturais na educação básica.

Essas possibilidades de futuros profissionais em diversas áreas é uma grande contribuição que o ensino superior proporciona aos sujeitos surdos dentro da universidade. Serão grandes profissionais que representam a comunidade surda, além de possibilidades novas e realizações, gerando uma qualidade de vida melhor.

9. Labes-Libras

Como participante do Labes-Libras e considerando-o fundamental na permanência do estudante surdo na UnB, resolvi questionar as pessoas surdas entrevistadas a respeito do seu conhecimento com relação ao Labes-Libras, se já haviam ido lá anteriormente e como foi o atendimento?



Foram obtidos os seguintes relatos:

Sujeito S2: *“Conheço muito o Labes-Libras, eu sempre venho aqui para fazer atividades, conversar, conheci muita gente aqui. O Labes-Libras é muito importante, pois promove a acessibilidade do surdo”*

Sujeito S5: *“Fui apresentado ao Labes, por pessoas surdas, vi o quanto era acessível, tem professores fluentes em libras, tem alunos da Pedagogia fluentes”*

Também questionamos se os sujeitos surdos consideravam que o Labes-Libras de alguma forma poderia contribuir com a permanência do estudante surdo dentro da universidade. Se não, porquê? E foi obtida o total de 100% de respostas positivas:

Sujeito S1: *“Sim, aqui sim. Por exemplo, na área da surdez precisa ter intérprete, tem preocupações e problemas que podem ser ajudados, aqui no Labes eu tenho essa assistência”*

Sujeito S2: *“Sim, o Labes-Libras sempre tira dúvidas das atividades que são passadas para gente, além dos alunos da Pedagogia nos ajudar nas questões acadêmicas”*

Sujeito S3: *“Sim, é possível notar que o Labes-Libras ajuda o estudante surdo na sua comunicação, aqui podemos estudar, conversar, sempre tem alguém para nos ajudar”*

Sujeito S4: *“Claro, importantíssimo! Porque os professores, só mandam a gente fazer a atividade, então o Labes-Libras tem um grande valor de complementação pedagógica. E estamos dentro da Pedagogia, aqui tem professores que sabem Libras, alunos da Pedagogia que ajudam a gente, aqui tiramos dúvidas, pegamos livros, filmes emprestados, etc.”*

Sujeito S5: *“Sim, importantíssimo”*

Sujeito S6: *“Sim, o Labes-Libras poderia nos ajudar”*

Discussão

Como já foi citado em outros tópicos anteriormente, o Labes-Libras é um dos fatores que pode contribuir com a permanência do estudante surdo na UnB, por isso foi necessário entender o que os sujeitos achavam desse espaço.

Através das entrevistas foi concluído que o espaço Labes-Libras dentro da Faculdade de Educação, tem caráter positivo na vida dos estudantes surdos que o frequenta, podendo auxiliar na permanência dos estudantes que estão inseridos dentro da UnB.

De acordo com nosso ponto de vista, o Labes-Libras tem sido um espaço de caráter positivo não apenas na vida dos estudantes surdos, mas de todos os estudantes dentro da universidade que tiveram ou terão a oportunidade de conhecê-lo.

Esse espaço tem um caráter inovador na vida dos estudantes de Pedagogia que tem a oportunidade de conhecer uma nova cultura, uma nova língua. E talvez seja o primeiro contato desses estudantes com essa língua, abrangendo conhecimentos, formando pesquisas, e acima de tudo construindo um novo pensamento em quem estuda sobre o assunto.

O Labes-Libras, poderia auxiliar tanto o acesso como a permanência dos sujeitos surdos dentro da universidade. De forma que o edital foi a primeira barreira que os estudantes encontraram na inserção à universidade, o Labes-Libras pode contribuir significativamente com os sujeitos surdos que têm interesse em participar do vestibular, tirando suas dúvidas em relação ao edital que atualmente se encontra apenas em Língua Portuguesa, entre outras dúvidas.

Como consta no projeto do Labes-Libras (2017) seus objetivos relacionados com o apoio aos estudantes surdos dentro da UnB são os seguintes:

Apoiar, orientar e acompanhar a inserção acadêmicas de estudantes surdos no nível superior de ensino;

Favorecer maior integração entre os cursos superiores desta universidade no que diz respeito à educação de surdos;

Constituir um espaço acadêmico interdisciplinar com foco na educação de pessoas surdas a fim de possibilitar o desenvolvimento de estratégias pedagógicas bilíngues, assim como, a análise e a criação de materiais didáticos bilíngues para estudantes surdos;

Atender professores e estudantes surdos dos níveis fundamental, médio e superior de ensino por meio de atendimento direto, acervo para consulta, encontros, oficinas, palestras, minicursos, divulgação de eventos e congressos etc;

Construir e analisar materiais didáticos bilíngues e estratégias pedagógicas para estudantes surdos e posteriormente disponibilizá-los para consulta da comunidade; (Laboratório de Educação de Surdos e Libras – Labes/Libras, 2017)

Em relação a permanências desses jovens dentro da universidade, o Labes-Libras se mostra como um grande apoiador para as práticas pedagógicas, sempre estando de ‘portas abertas’ para receber esses alunos, podendo auxiliar em atividades curriculares, tirar dúvidas a respeito de cursos, bolsas, disciplinas, e até mesmo na própria apresentação do espaço da universidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com tudo que foi fundamentado e construído durante este trabalho foi constatado que apesar de todas as políticas públicas que garantem a educação de qualidade para todos os sujeitos, ainda se encontra uma grande defasagem quando falamos sobre educação superior para surdos, em especial na educação pública.

Em relação ao acesso dos estudantes surdos no ensino superior, encontramos um grande problema logo no primeiro acesso que esses jovens têm com o ensino superior, o primeiro empecilho que esses jovens encontram diante da tentativa de se inserir na universidade, foram relatados por todos os participantes que o edital não encontrava-se acessível para sujeitos surdos.

Por outro lado, vale destacar que o vestibular estava completamente acessível em Libras, isto é, o vestibular estava adaptado de forma correta, auxiliando na inserção do estudante surdo à universidade. No entanto, é importante que se diga, que somente o vestibular para o curso Letras-Libras-Língua Portuguesa é acessível para estudantes surdos nesta universidade.

É necessário compreender, então, que de fato os surdos podem ser matriculados em qualquer curso de Ensino Superior, mas que eles se encontram em um percentual maior nos cursos que são voltados para sua língua, que têm a Libras como primeira língua, ou seja, possuem acessibilidade linguística.

Um grande problema encontrado dentro da universidade que pode causar problemas na permanência dos estudantes surdos, é a falta de intérpretes nos locais onde se busca informações, fazendo com que exista uma comunicação falha. Diante desse impedimento as informações não chegam para os alunos surdos, fazendo com que percam bolsas, assistências, estágios, etc.

Outra situação correlata é a falta de oportunidade dos surdos de se inserir em outros cursos superiores, como o sujeito S4 afirma que sua principal dificuldade é *“na falta de acessibilidade para o surdo entrar em outros cursos”*. Ou seja, é necessário que exista uma acessibilidade mais ampla para a comunidade surda, onde eles possam de fato escolher um curso que se identifiquem.

É necessário que se pense em propostas novas, ou até mesmo já existentes, como um curso de Pedagogia Bilíngue, que já é ofertado pelo INES. O curso vai além das especificidades dos sujeitos surdos, como garante buscar respeitar as necessidades e direito dos surdos durante

todo seu processo de formação. O curso é ofertado pelo INES, na modalidade à distância, possui 12 polos distribuídos pelo Brasil.

Sob esse viés, a educação de surdos no Ensino Superior no Brasil, vai além das políticas públicas criadas ao longo dos últimos anos, apesar de terem sido necessárias para aumentar a inserção e discussão da educação de surdos. É necessário que exista ainda uma efetivação das práticas bilíngues, assim preparando o educando desde a educação básica para receber uma educação de qualidade que siga a trajetória da sua língua.

Diante disso, podemos observar que existe uma série de leis e decretos que garantem a educação de qualidade para a comunidade surda, mas a situação da educação de qualidade do sujeito surdo não está totalmente realizada, encontra-se em um processo de edificação.

Apesar de todas as dificuldades encontradas na história da educação de surdos no ensino superior, dentro da UnB esses estudantes se encontram realizados apesar de algumas falhas da universidade, como falta de intérpretes em outros departamentos, em núcleos de informações, etc. A UnB atualmente possui um curso específico com cotas para surdos, vestibular acessível, intérpretes presentes em sala de aula, professores surdos, entre outros.

O grande problema é que a inclusão para surdos ficou restrita a um único curso, que presta um excelente trabalho, mas o estudante surdo tem o direito de fazer outros cursos. Além disso, a permanência dele fica comprometida, se não tem acessibilidade linguística em espaços que são primordiais ao seu desenvolvimento acadêmico, como espaços de complementação pedagógica, como é o caso do Labes-Libras, espaços nos quais resolve questões de ordem acadêmico-administrativos (bolsas, estágios, etc.)

É importante relatar que os próximos estudos neste âmbito devem abranger também alunos surdos de outros cursos, que se denominaram deficientes auditivos segundo dados colocados na metodologia. Considerando que nesta pesquisa, sem que quiséssemos previamente, os estudantes surdos que participaram eram todos do curso Letras Libras - Português como segunda língua, pois foram os indicados para a pesquisa por outros estudantes surdos da UnB.

Enfim, é com extrema felicidade que termino o curso de Pedagogia e encontrar sujeitos tão satisfeitos como eu com sua formação, é ótimo. Mas é necessário pensar além, vê que apesar da felicidade de estar dentro da universidade recebendo uma educação boa, existem diversos sujeitos que têm o direito de receber educação pública de qualidade, mas não conseguem por falta de acessibilidade, falta de oportunidade e até mesmo a falta do olhar para o outro de forma sensibilizada. Entender que todos nós somos sujeitos com particularidades, é dever de todos

receber o fortalecimento da sua identidade, garantindo que o acesso e permanência em todos os âmbitos da educação se dê de forma igualitária.

Em suma, percebemos neste trabalho que de fato, a educação inclusiva é eficaz na teoria, mas é necessário repensar a causa de todos os problemas na educação de surdos. É necessário buscar a democratização do acesso e permanência dos estudantes em vulnerabilidade social no contexto de educação superior. É dever do Estado oferecer uma educação de qualidade para todos, visando a consolidação de sujeitos sociais, e “não somente para parcela privilegiada da sociedade e para o fortalecimento do individualismo” (Sobrinho, 2010, p.1225)

Diante da entrevista realizada sobre o acesso e permanência dos estudantes surdos ao ensino superior, tive a oportunidade de constatar que de fato a UnB tem realizado um trabalho significativo para esses estudantes, está ocorrendo uma série de mudanças para que o acolhimento desses jovens seja realizado de forma eficaz, garantindo uma satisfação pessoal, fazendo com que a permanência na universidade desses alunos seja de forma positiva.

Apesar de todas as conquistas não podemos deixar de falar também dos problemas, ainda falta uma parcela de mudanças que a universidade deve realizar para que a comunicação seja primordial dentro da universidade para esses jovens.

REFERÊNCIAS

BARGAROLLO, Maria; FRANÇA, Denise. Surdez, escola e sociedade: reflexões sobre Fonoaudiologia e Educação. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

BERTHIER, F. Les Sourdes-muets avant et depuis l'abbé de l'Épée. In LANE, H. E PHILIP, F. The deaf experience: classics in language and education, tradução do original francês para o inglês de Philip, F. Cambridge, Massachusetts e London: Harvard University Press, 1984. (Texto originalmente publicado em francês em 1840).

BISOL, Cláudia Alquati; VALENTINI, Carla Beatris; SIMIONI, Janaína Lazzarotto and ZANCHIN, Jaqueline. Estudantes surdos no ensino superior: reflexões sobre a inclusão. Translated by Robert Dinham. Cad. Pesqui. [online]. 2010, vol.40, n.139, pp.147-172.

BRASIL. Constituição Federal: República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal; Centro Gráfico, 1988. Diário Oficial da União, Assembleia Nacional Constituinte, Brasília, DF, 05 out. 1988. Seção I, p. 1.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Seção I, p. 28.

BRASIL. Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 nov. 2011. Edição Extra, p. 5.

BRASIL. Ministério da Educação. Evolução da educação especial no Brasil. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2006.

BRASIL. Resolução CNE/CP 01/2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Brasília. 2006

BRASIL. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 1.

BRASIL. Lei nº 12.319, de 1 de setembro de 2010. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 07 jul. 2015. Seção I, p. 2.

BRASIL. Ministério da Educação. Decreto nº 3.284, de 7 de novembro de 2003. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 nov. 2003. Seção 1, p. 12.

BRASIL. Ministério da Educação. Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 dez. 1999. Seção 1, p. 10.

BRASIL. Ministério da Educação. Plano Nacional de Educação: Lei nº 10.172, de janeiro de 2001. Brasília, 2001.

BUZAR, Edeilce. Laboratório de Educação de Surdos e Libras – Labes/Libras. Brasília, 2017.

_____. Censo da Educação Superior: 2002. Brasília: MEC/Inep, 2002.

_____. Censo da Educação Superior: 2011. Brasília: MEC/Inep, 2012.

_____. Censo da Educação Superior: 2013. Brasília: MEC/Inep, 2013.

FERREIRA, J. A.; ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P. C. Adaptação acadêmica em estudante do 1º ano: diferenças de gênero, situação de estudante e curso. *PsicoUSF, Itatiba*, v.6, n.1, p.1-10, jan. 2001.

FOSTER, S.; LONG, G.; SNELL, K. Inclusive instruction and learning for deaf students in postsecondary education. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education, Oxford*, v.4, n.3, p.225-235, Summer, 1999.

GATTI, Bernadeth. A pesquisa em educação: pontuando algumas questões metodológicas. 2006. Disponível em: <http://www.lite.fae.unicamp.br/revista/gatti1.pdf>. Acesso em 28 de setembro de 2019.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. Manual de Pesquisa Qualitativa. Belo Horizonte: Grupo Ânima Educação - EAD, 2014. p. 08 – 36.

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais. *Revista de Administração e Empresas. São Paulo*, v.35, n.3, pp.20-29, mai./jun.1995.

GOFFREDO, V. L. F. S. A Inclusão da pessoa surda no ensino superior. *Fórum, Rio de Janeiro*, v.10, p.16-22, dez. 2004.

GOULARTE, R. B. Acesso e permanência no ensino superior: estratégias de governo da conduta de alunos surdos incluídos. 2014. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

LACERDA, C. B. F.de; ALBRES, N. A.; DRAGO, S. L. S. Política para uma educação bilíngue e inclusiva a alunos surdos no município de São Paulo. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 65-80, Mar. 2013.

LANG, H. G. Higher education for deaf students: research priorities in the new millenium. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education, Oxford*, v.7, n.4, p.267-280, Fall 2002.

MARTINS, V. R. O. Implicações e conquistas da atuação do intérprete de língua de sinais no ensino superior. *Educação Temática Digital, Campinas*, v.7, n.2, p.157-166, jun. 2006.

MAZZOTTA, Marcos J.S. Educação Especial no Brasil: História e políticas públicas. São Paulo: Cortez Editor, 2001.

MELO, Francisco; ARAÚJO, Eliana. Núcleos de Acessibilidade nas Universidades: reflexões a partir de uma experiência institucional. *Psicologia Escolar e Educacional*, SP. Número Especial, 2018: 57-66.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica, e arte: o desafio da pesquisa social. . In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (ORG). *Pesquisa social. Teoria, método e criatividade* Petrópolis: Editora Vozes, 2002. 21ª edição. p.9 – 27.

_____. Ministério da Educação/Gabinete do Ministro. *Aviso Circular nº 277*. Brasília: MEC/GM, 1996.

_____. Ministério da Educação. *Programa Incluir: acessibilidade na Educação Superior*. Edital nº 3, de 26 de abril de 2007. Brasília: MEC/SEESP/SESu, 2007.

_____. Ministério da Educação. *Política nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: MEC/SEE, 2008.

MOORES, D. *Educating the deaf, psychology, principles and practice*. Boston: Houghton Mifflin Co. 1978.

MORI, N. N. R.; Sander, R. E. *História da educação dos surdos no Brasil*. Seminário de Pesquisa PPE, Universidade Estadual de Maringá, 2015.

Nascimento, Lilian Cristine Ribeiro: Um pouco mais da história da educação dos surdos, segundo Ferdinand Berthier. In: *ETD - Educação Temática Digital* 7 (2006), 2, pp. 255-265. URN: <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0168-ssoar-101756>

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (ORG). *Pesquisa social. Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. 21ª edição. p. 51 – 66.1.

PERLIN. G. T. T.; STROBEL, K. *Fundamentos da educação de surdos*. Florianópolis: Editora UFSC, 2006

REILY, Lucia. O papel da Igreja nos primórdios da educação dos surdos. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 35, 2007. p. 308-326

ROCHA, Solange. *HISTÓRIA DO INES*. Disponível em: <<http://jornaldosurdo.comunidades.net>>. Acesso em 20 fev. de 2019.

SALVADOR, A.D. *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográficas: elaboração de trabalhos científicos*. 8 ed. Porto Alegre: Sulina, 1980.

SASSAKI, Romeu Kazumi. *Inclusão: Construindo uma Sociedade para todos*. 4. ed. Rio de Janeiro. WVA. 2002.

SAMPAIO, I. S.; SANTOS, A. A. *Leitura e redação entre universitários: avaliação de um programa de intervenção*. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.7, n.1, p.31-38, jan. 2002.

SACKS, Oliver. *Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos Surdos*. Rio de Janeiro: Imago editora, 1990.

SÁ, N. R. L. de. Convite a uma revisão da pedagogia para minorias: questionando as práticas discursivas na educação de surdos. *Revista Espaço*, Rio de Janeiro, n. 18/19, 2003.1.

SATO, S. R. S. *Concurso Vestibular: um dispositivo meritocrático de seleção para ingressar na Universidade Federal de Santa Catarina*. 2011. 158f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

SECADI. *Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngüe - Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa*. Grupo de Trabalho, designado pelas Portarias nº 1.060/2013 e nº 91/2013 do MEC/SECADI. Brasília, 2014.

SILVA, V. et al. *Educação de surdos: Uma Releitura da Primeira Escola Pública para Surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880*. In: QUADROS, R. M. (Org). *Estudos surdos I*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006. p.324.

STROBEL, Karin L. *As Imagens do Outro sobre a Cultura Surda*. Florianópolis: UFSC, 2008.

STROBEL, Karin L. *Surdos: Vestígios Culturais não Registrados na História*. 2008. 176 f. Tese. (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. UFSC, Florianópolis.

SKLIAR, C. *A localização política da educação bilíngüe para surdos*. In: *Atualidade da Educação Bilíngüe*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1999. p. 07-14.

SOBREIRA, H; CICONNE, M. FRANCO, M. *Projeto do Curso Bilíngüe de Pedagogia*, dez. 2006. Mimeo.

SOBRINHO, J. D. *Democratização, qualidade e crise na educação superior: faces da exclusão e limites da inclusão*. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1223-1245, out./dez. 2010.

PARTE III

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Quero inicialmente agradecer por minha formação no curso de Pedagogia. Graças a essa oportunidade pude compreender outras realidades que estavam fora do meu contexto de vida. E acima de tudo respeitar e conhecer outras culturas e identidades foram essenciais para minha formação.

Tenho a compreensão que essa formação foi apenas uma das diversas etapas que eu tenho pela frente, mas foi essa pesquisa que me instigou a continuar a estudar sobre os estudantes surdos em diversas áreas de ensino, assim podendo levar esse conhecimento para outras pessoas.

Em relação à questão profissional atualmente pretendo continuar com os estudos de Libras, para aprimorar meus conhecimentos na aquisição da linguagem, para então poder atuar na Educação Básica com alunos surdos, colocando em práticas todos os conhecimentos e ensinamentos obtidos durante a graduação nas disciplinas que dizem respeito a surdez.

Em planos de longo prazo, pretendo prosseguir no campo do mestrado com pesquisa relacionada ao campo da surdez, para assim futuramente atuar lecionando em universidades o que é meu sonho, pois acredito que na atual Educação Superior é necessário professores que abordem a Libras não como uma disciplina obrigatória que os alunos irão aprender alguns sinais, e sim professores que estejam dispostos a mostrar para seus alunos a verdadeira história do povo surdo, suas lutas e conquistas, assim instigando seus alunos a aprimorar seus conhecimentos e a fazer parte dessa luta que vem existindo a tantos anos.

Pretendo principalmente devolver a minha pesquisa em forma de agradecimento para a Universidade de Brasília, além de ser eternamente grata à minha orientadora Professora Edeilce Buzar, e poder colaborar ativamente no Labes-Libras de forma voluntária, para assim continuar a aprender com essa grande Mestre que foi uma das principais colaboradoras da minha formação.

APÊNDICES

APÊNDICE A- Roteiro para a entrevista com os(as) alunos(as):

Identificação

1. Sexo: () Masculino () Feminino
2. Qual a sua idade?
 - () menos de 16 anos
 - () de 16 a 18 anos
 - () de 19 a 21 anos
 - () de 22 a 25 anos
 - () de 26 a 30 anos
 - () mais de 31 anos
3. Assinale a alternativa que identifica a sua cor ou raça:
 - () branca
 - () preta
 - () parda
 - () amarela
 - () indígena
4. Qual o seu estado civil?
 - () solteiro (a)
 - () casado (a)
 - () viúvo (a)
 - () separação legal (judicial ou divórcio)
 - () outro
5. Caso possua filhos menores de 6 anos, quanto são?
 - () não possuo filhos
 - () um () dois () três () quatro
 - () não possuo filhos menores de seis anos

Surdez

1. Você é surdo profundo, leve ou moderado?
2. Já passou por algum processo de cirurgia em relação a surdez?
3. Usa algum tipo de implante ou prótese auditiva?
4. O que você considera fundamental para você em termos de comunicação?

5. Usa a libras para se comunicar?
6. O que você considera fundamental para você em termos de aprendizagem?

Acesso ao nível superior

1. O edital era acessível em libras?
2. Como se deu o seu acesso ao nível superior: ENEM/PAS/COTAS/COMUM?
3. Como foi a prova? Seu vestibular foi adaptado? De que forma?
4. Como você ficou sabendo do vestibular e do curso da UnB?
5. Qual é o seu curso dentro da universidade?
6. Em qual semestre você está?
7. Você frequentou cursinho preparatório para o vestibular?
 sim, por menos de 1 semestre
 sim, por 1 semestre
 sim, por um ano
 sim, por mais de um ano
 não
8. Quantas vezes você já prestou concurso vestibular?
 nunca
 uma vez
 duas vezes
 três vezes
 quatro vezes
 cinco vezes ou mais
9. Você já iniciou alguma vez outro curso superior?
 sim, mas não conclui
 sim, estou cursando
 sim, mas já concluí
 não
10. Qual o principal motivo que o levou a escolher este curso?
 interesse pessoal pela profissão correspondente
 conversas com colegas
 influência da família
 resultado de teste vocacional
 melhores possibilidades no mercado de trabalho

- () possibilidade de poder contribuir com a sociedade
 - () acessibilidade
 - () possibilidade de conciliar o curso com o trabalho
 - () outro motivo
11. O que você espera, em primeiro lugar, de um curso universitário?
- () formação acadêmico-profissional para o trabalho
 - () formação teórica, voltada para a pesquisa
 - () formação para atividade pedagógica
 - () aquisição de conhecimentos que me permitam compreender
 - () aquisição de cultura geral ampla
 - () diploma de curso superior
 - () formação para atuar na área de surdez
12. Por que você se interessou por esta universidade?

Permanência no nível superior

01. Dentro da universidade de Brasília, você já encontrou algum núcleo de acessibilidade? Qual? De que forma lhe ajudou?
02. Há intérpretes em seu curso? Como você avalia o nível de fluência deles? Como se dá a metodologia de trabalho deles (tempo integral, somente no momento de provas, em duplas, troca de 20 minutos, etc.).
03. Há no curso superior, complementação pedagógica voltada para você? Em Libras, LP ou até mesmo para a realização das atividades?
04. Que pesquisa você desenvolveu durante o seu curso? Ou está desenvolvendo?
05. Quais as principais dificuldades que você encontra em seu percurso na UnB?
06. Quais as disciplinas que você teve mais facilidade e mais dificuldade? Porquê?
07. Como são avaliadas suas produções escritas durante as atividades avaliativas do curso?
08. Como você costuma fazer as atividades que são passadas para realizar extraclasse?
09. Tem intérpretes de libras nos locais nos quais você busca informações?
10. Em quais locais você considera imprescindível ter intérprete de libras dentro da UnB?
11. Você sente que há elementos na UnB que o ajudam a permanecer nela? Ou em algum momento, você pensou em desistir? Qual o motivo?
12. Quais os aspectos positivos que o seu ingresso na UnB trouxe para você, para sua vida?
13. Que sugestões você daria para aprimorar o acesso e a permanência de estudantes surdos no ensino superior e especialmente na UnB?

14. Quais são seus maiores desafios atualmente na universidade?
15. Em quais setores profissionais, o seu curso lhe permite trabalhar?
16. Você possui alguém de referência na UnB para momentos em que se encontra desafiado?
17. Você está feliz com a sua experiência na universidade?
18. Você conhece o Labes-Libras? Já foi alguma vez lá? Como foi atendido?
19. Você considera que o Labes-Libras poderia contribuir com a sua permanência na UnB? Se sim, de que forma? Se não, porquê?
20. Tem algo que você gostaria de acrescentar?